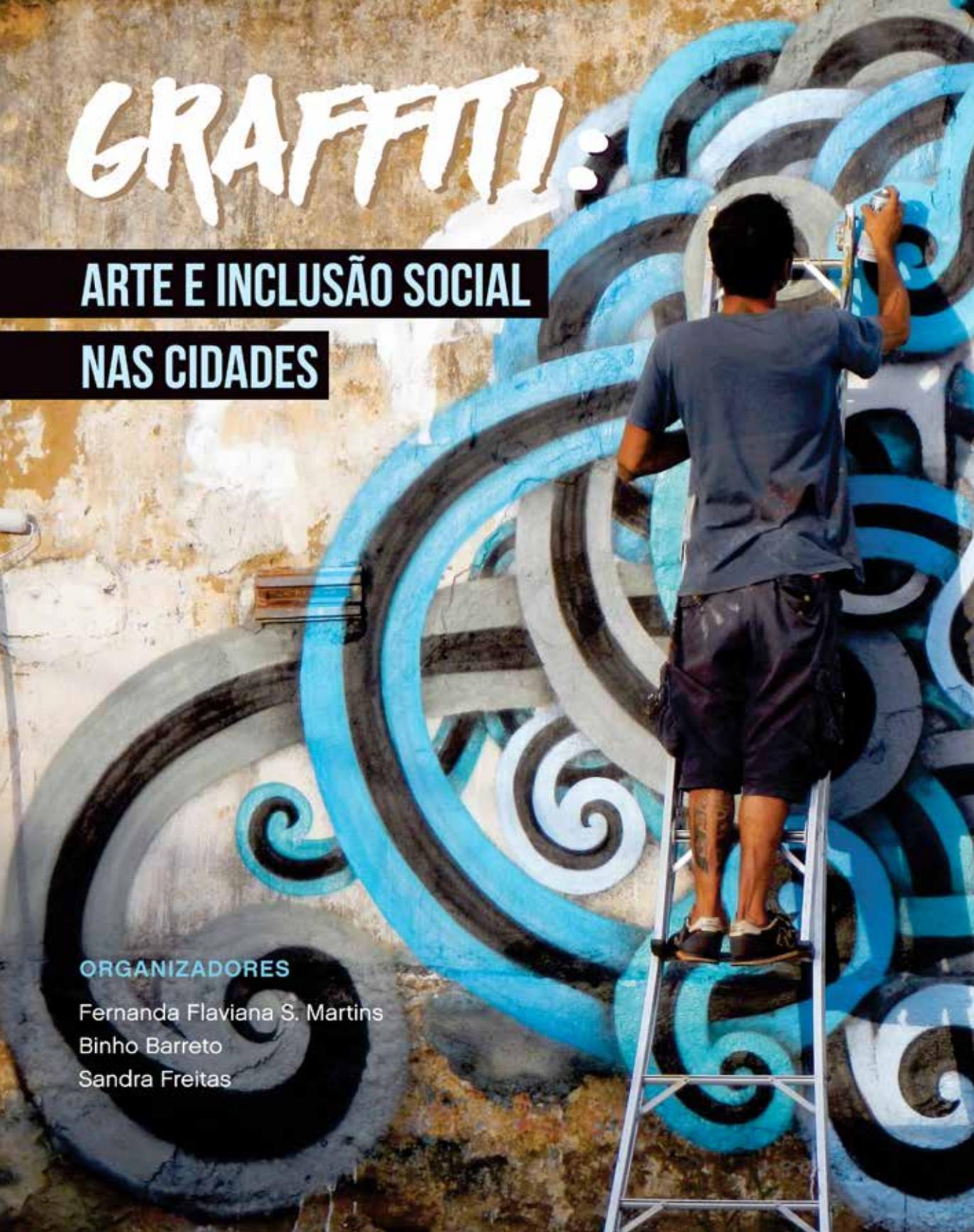


GRAFFITI:



ARTE E INCLUSÃO SOCIAL

NAS CIDADES

ORGANIZADORES

Fernanda Flaviana S. Martins
Binho Barreto
Sandra Freitas

GRAFFITI:

ARTE E INCLUSÃO SOCIAL NAS CIDADES

Organizadores:

Fernanda Flaviana S. Martins

Binho Barreto

Sandra Freitas

1ª edição

PUC Minas

Belo Horizonte, novembro de 2018

COLABORADORES

PROJETO PROVIDÊNCIA

Aloísio Santana da Cruz

Cássio Henrique Isaías Silva

Cristina de Lima Januário

Erilene de Paula Martins Aquino

Flávia Alves Rocha

Lucas Bong

Luciana Dias Costa

Harisson Ramos de Oliveira

Marcelle Regine Silva

Robson Antônio Abreu Cardoso

Rodrigo Astro

Távora Pereira da Silva

Vanessa dos Santos Assis Pereira

PUC MINAS

Prof. Valério Augusto de Souza

Prof.^a Dulce Maria de O. Albarez

COLÉGIO SANTA MARIA MINAS

Diretoria e equipe

Prof.^a Juliana de Carvalho Moreira

Prof. Ricardo Lúcio

Lidiane Gomes da Silva

ALUNOS DA PUC

Ane Guimarães Pires

Ana Gleicimara Vaz Martins

Jessica Tonelli

Pedro Fernandinho Ogano

Ana Luiza Brant

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	6
2. UM SEMINÁRIO, UM ENCONTRO, MUITOS ENCONTROS	9
3. SEMINÁRIO GRAFFITI, ARTE E INCLUSÃO NAS CIDADES.....	17
4. MESA DE ABERTURA	19
5. MESA 1 - GRAFFITI E INCLUSÃO SOCIAL.....	25
6. MESA 2 - A ARTE DO GRAFFITI.....	53
7. MESA 3 - GRAFFITI E INTEGRAÇÃO.....	68
8. DEBATE FINAL.....	89

ISBN

978-85-8239-080-1

Título

Graffiti: arte e inclusão social nas cidades

Edição

1

Ano Edição

2018

Tipo de Suporte

E-book

- PDF

Páginas

108

Editor(a)

PUC-MG

Participações

Fernanda Flaviana S. Martins (Organizador)

Binho Barreto (Organizador)

Sandra Freitas (Organizador)

1 UM, VERDADEIRO, BOM, BELO

uno, vero, buono, bello

Com essas quatro palavrinhas, gigantes em seu significado, podemos nos referir a Deus e contemplar nele o Amor. Deus é UM e único, é a perfeita inteireza do Pai, do Filho e do Espírito Santo, distintos e não separados, unidos e não confundidos. Deus é VERDADEIRO, real, verdade sem hipótese de erro, caminho seguro, farol intenso e luminoso. Deus é BOM, essencialmente bom e só bom, sem nunca ser mau, o que inclui a sua justiça e, acima dela, a sua misericórdia infinita, seu coração posto na miséria humana para resgatá-la. Deus é BELO, a beleza em si mesma, a expressão da plena beleza, a fonte de toda beleza.

Ao folhear este livro, na tela do computador, com imagens em boa resolução, que agora você tem em mãos, com o instigante título GRAFFITI: ARTE E INCLUSÃO SOCIAL, lembrei-me, de súbito, dessas quatro notas harmônicas para falar de Deus ou cantar para Ele. Com essas quatro notas, é possível compor uma sinfonia, pois elas combinam entre si, encontram-se e se expandem para o infinito uma a uma e associadas em partes ou totalmente. O livro contém palavras, análises, buscas de entendimento e apresentação de caminhos. Como são belas as palavras que convergem para o bem! – Por que mesmo gastam palavras para o mal, desrespeitando-as, desfigurando-as? – O livro contém também imagens, imagens de pessoas e imagens de pessoas produzindo imagens. É como se algo de Deus estivesse saindo dali, daqueles

pincéis, daquelas mentes, daqueles corações. É uma multiplicidade de cores e linhas curvas e retas, completas e interrompidas.

É o Belo que conduz ao Bom, ao Verdadeiro, ao Um-único Amor de Deus. A arte na Cidade, por meio do *Graffiti*, e, particularmente, neste amado Projeto Providência, que só sabe “providenciar vidas”, inclui socialmente, e como inclui! Mas não só, pela beleza, inclui em Deus, o Senhor.



**PROFº DOM JOAQUIM
GIOVANI MOL GUIMARÃES**

Bispo auxiliar da Arquidiocese de Belo Horizonte
Reitor da PUC Minas

2 UM SEMINÁRIO, UM ENCONTRO, MUITOS ENCONTROS

Para falar sobre o seminário “Graffiti: arte e inclusão social nas cidades”, primeiro é preciso dizer de alguns encontros. Há aproximadamente dois anos, a Fernanda Flaviana, Diretora da Associação Projeto Providência, conheceu o Lucas Bong e o Rodrigo Astro. Os dois moram no Vila Maria, comunidade do bairro Jardim Vitória, em Belo Horizonte, onde funciona uma das unidades do Projeto Providência. Em uma conversa acalorada sobre a utilização da quadra de futebol, que estava passando por reforma, a Fernanda lhes fez três perguntas. E como indagações são boas para provocar aproximações! As interrogações feitas por ela, que não tinham nada de retóricas, foram bem no ponto: o que vocês querem? O que podemos proporcionar para vocês? Vamos fazer algo juntos?

Antes de apresentar a resposta dada pelos jovens, é importante abrir um espaço neste texto e observar o contexto em que o encontro aconteceu. No Vila Maria, apelidado carinhosamente pelos moradores de Poca Oi, ou simplesmente Poca, funciona um coletivo de jovens, autogerido, que é conhecido como CNP (Conexão Nervosa do Poca). O coletivo atua como elemento de aglutinação de moradores que estão envolvidos com atividades expressivas como o RAP, a dança de rua, o *graffiti* e a pichação. Antes que entremos em um terreno um pouco polêmico, que deixaremos por conta das páginas dedicadas ao Seminário, é importante salientar que se trata de um coletivo que envolve sociabilidade e ajuda mútua de jovens da periferia.

O Vila Maria, ou o Poca, é uma comunidade onde se encontra a primeira sede da Associação Projeto Providência, a Unidade Vila Maria. Criada em 1988 (para chegar lá é só seguir a BR 381, sentido Vitória (ES), e entrar a 100 metros de uma passarela amarela). Há 30 anos, Vila Maria ou Gorduras era conhecida como “Favela dos Caixotes”— por causa das casas de madeirite onde viviam dezenas de famílias que perderam suas moradias em virtude da enchente que atingiu a região do Perrela e foram transferidas para lá. Todas viviam em situação de miséria. Havia muitas crianças nas ruas e no trabalho infantil, pois suas mães, a maioria arrimo de família, precisavam sustentar seus filhos. Neste contexto, a partir do desejo da Arquidiocese de Belo Horizonte e através do fundador Padre Mário Pozzoli, começaram as atividades do Projeto Providência.

Imaginamos que, à essa altura, o leitor esteja se perguntando qual foi a resposta do Lucas e do Rodrigo para as perguntas da Fernanda. Eles responderam, sem titubear, que o desejo deles era aprender a grafitar. E completaram que não apenas os dois, mas uma dezena de jovens da comunidade tinham a mesma vontade. Foi assim que o Binho Barreto entrou na história. O Binho é ilustrador, grafiteiro e professor de desenho. Essas três características, exatamente nessa ordem, o fizeram ter contato com o Vila Maria e com o Projeto Providência. Em 2015, a Fernanda, por recomendação de uma amiga, convidou-o para ilustrar a capa do livro que ela iria publicar naquele ano. Enquanto ele fazia o trabalho de ilustração, ela descobriu que ele era também grafiteiro e professor. Desde então ela passou a acompanhar o seu trabalho. Quando se deu a conversa no Vila Maria, o nome do Binho veio imediatamente à sua mente. Foi assim que, em janeiro de 2016, ele ofereceu a primeira oficina de *graffiti* em parceria com o Projeto Providência - em que estiveram presentes, não só o Lucas e o Rodrigo como uma dezena de jovens da comunidade ((foto da página seguinte)). Foi uma experiência rápida, com



Primeira oficina de graffiti do Binho Barreto no Projeto Providência - Vila Maria.

a duração de um dia, mas que serviu para dar início a uma parceria que geraria muitos frutos. Estava sendo formado um pequeno time que proporcionaria muitas trocas: Binho, Fernanda, Lucas, Rodrigo e a equipe do Projeto Providência.

Após essa primeira oficina, em janeiro de 2016, que aconteceu na mesma quadra em que começou a história que aqui é narrada, eles se juntaram novamente. Dessa vez, o Binho Barreto pintou a fachada da unidade Taquaril do Projeto Providência, em parceria com o Lucas e o Rodrigo. Nessa ocasião, eles desenvolveram técnicas de pintura em grande escala, já que se tratava de um pequeno prédio com dois andares - cerca de dez metros de altura por

vinte de extensão ((foto da página seguinte)). Os três trabalharam por seis dias corridos e concluíram a pintura de toda a fachada — serviço que contou com o apoio do Projeto Providência e da PUC Minas.

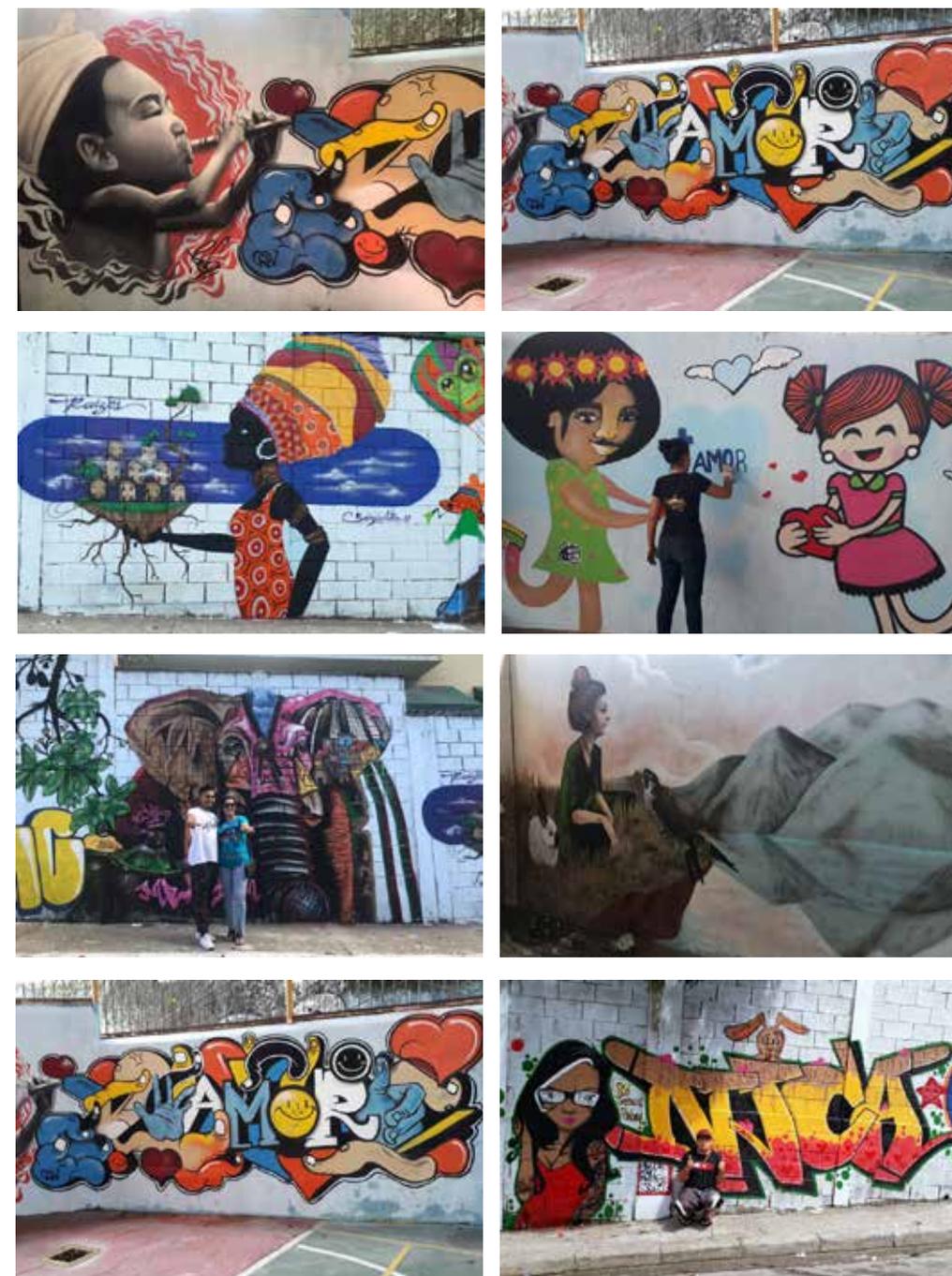
Os desafios estavam apenas começando, em 2017 eles se jutararam novamente para promover um festival de *graffiti* na unidade Fazendinha, localizada no Aglomerado da Serra, em Belo Horizonte. Foram pintados mais de cem metros lineares de muros, com a participação de trinta grafiteiros convidados. A equipe do Projeto Providência, o Colégio Santa Maria, o Binho, o Lucas e o Rodrigo cuidaram de toda a gestão do evento: desde a seleção e o convite dos artistas, até a articulação com a comunidade e a distribuição de materiais e alimentos no dia. O festival foi um sucesso e, mais do que a parede pintada, houve uma transferência dos métodos de organização de encontros de pintura coletiva para os jovens. Pode-se dizer que, nesse momento, a parceria estava ainda mais alinhada. A comunidade amanheceu colorida e o Projeto ficou imensamente grato pela presença dos trinta artistas convidados.



Um novo desafio estava por vir. Um projeto de oficinas de desenho e *graffiti* foi aprovado pela Lei Estadual de Incentivo à Cultura pelo Projeto Providência, em interlocução com o Binho Barreto, em 2016. As oficinas ((imagem ao lado)) começaram em novembro de 2017 e se estenderam até abril de 2018. Foram beneficiados 90 jovens das três unidades em que o projeto atua: Fazendinha, Taquaril e Vila Maria. Durante esse período aconteceram também: um novo festival de *graffiti*, agora na Vila Maria, com 30 grafiteiros convidados ((fotos da página seguinte)) e o Seminário *Graffiti: Arte e Inclusão Social nas Cidades*, realizado na PUC Minas da Praça da Liberdade. Ambos os eventos contaram com a presença do grafiteiro colombiano Chota, que veio de Medellín a Belo Horizonte como convidado do Projeto Providência.



Toda essa história foi contada para que os leitores possam situar-se no contexto em que ocorreu o Seminário, que será apresentado nas páginas seguintes. Antes de passarmos ao Seminário, cabe destacar que foi feito um trabalho de adaptação de texto da expressão oral para a escrita e, nesse processo, interjeições, repetições e outros detalhes pertinentes à oralidade foram suprimidos em nome de uma leitura mais fluida e agradável. Fizemos a opção por manter um certo coloquialismo e respeitamos a integralidade das falas. Tivemos a felicidade de presenciarmos conversas francas, abertas e sem



as limitações que alguns preconceitos impõem ao se tratar sobre o tema do *graffiti* e da pichação.

Cabe observar que os organizadores deste livro (e do Seminário) não assumem para si as falas dos palestrantes, como tampouco rechaçam qualquer opinião. Aqui se apresentará uma multiplicidade de visões sobre o tema, ora concordantes e ora criando contrapontos. É com orgulho que encerramos essa apresentação e deixamos vocês com o texto do Seminário. Que possamos avançar com profundidade, amplitude e de forma, sempre, democrática.

Agrademos à PUC Minas, através da Professora Sandra Freitas, por fazer o registro fotográfico de todos os momentos e atividades de *graffiti* da Associação, e ao Professor Valério pelo apoio no Seminário. Agradecemos também a todos os grafiteiros que contribuíram com sua arte — em especial ao Binho Barreto e a toda a equipe do Projeto Providência.

Uma boa leitura!

3 SEMINÁRIO GRAFFITI, ARTE E INCLUSÃO NAS CIDADES

Para facilitar a leitura, faremos aqui uma breve introdução de como as palestras serão apresentadas. Vamos iniciar com a mesa de abertura, por entendermos que as falas dos parceiros presentes são muito importantes, pois simbolizam os sins que recebemos para a realização do evento. Em seguida, vamos apresentar a composição das mesas e seus objetivos.

A mesa um traz o tema *Graffiti* e inclusão social, que conta com a presença de personalidades de Belo Horizonte que vêm fazendo do *graffiti* uma possibilidade de inclusão social, são eles:

Fernanda Flaviana Martins, diretora da Associação, que além de mediar a mesa, conta como o *graffiti* chegou ao Projeto Providência e do seu impacto na vida de centenas de jovens nos lugares em que o Projeto se faz presente. Em seguida, é apresentada a fala de Helder Calvacanti, que narra sua experiência com uma imersão de grafiteiros no Hospital Galba Veloso. Negro F irá discorrer sobre seu trabalho na comunidade do Alto Vera Cruz e sobre os resultados que vem colhendo por meio do *graffiti*. Sergio Lima, professor da PUC Minas, irá contar da sua experiência enquanto grafiteiro na cidade de São Paulo.

A mesa dois, que teve como tema A Arte do *Graffiti*, contou com a mediação da professora Maria Luiza Viana e foi composta pela professora Marta Neves, Roger Dee e Carol Jaued. A professora Marta traz sua contribuição sobre o uso do *graffiti* em oficinas com jovens, Roger conta sua experiência

como um dos pioneiros do *graffiti* em BH e faz uma leitura sobre a cena atual, Carol conta sobre o desafio de ser mulher no universo do *graffiti*.

A última mesa, cujo tema era *Graffiti* e integração, contou com a participação internacional do Chota da Colômbia, que relatou como o *graffiti* mudou a realidade da Comuna 13, em Medellín, e de seus projetos para o futuro. Deborah Lopes, pesquisadora do tema, discorre sobre a história do *graffiti* e da pichação. Essa mesa foi mediada por Binho Barreto, que também contribuiu com algumas reflexões sobre *graffiti* e cidade.

Em seguida, ocorreram os debates, com o microfone aberto para as perguntas do público. Vale ressaltar que as atividades foram iniciadas com a apresentação musical da Casa do HIP HOP do Taquaril e foram encerradas com a apresentação de rap do grupo CNP (Conexão Nervosa do Poca).

4 MESA DE ABERTURA

O Seminário teve início com uma mesa de apresentação com representações da PUC Minas e Associação Projeto Providência, que tem sido parceiros na execução do projeto de extensão “Providência na Comunidade”, cujas ações perpassaram todo o evento. Participaram o Professor Wanderley Chieppe Felipe, Pró-reitor de extensão da PUC Minas; o Professor Valério Augusto, Coordenador do curso de Publicidade e Propaganda, da PUC Minas Praça da Liberdade e Fernanda Flaviana Martins, diretora geral da Associação Projeto Providência.



WANDERLEY CHIEPPE FELIPPE

Boa tarde a todos e todas! É um privilégio poder estar aqui hoje participando desse evento. Quando recebi o convite, imediatamente aceitei porque é um evento muito significativo. Acho que nós estamos falando de um seminário sobre diversidade. Um seminário sobre inclusão, sobre reconhecimento de direitos.

Isso tudo nos vem até aqui a partir do trabalho belíssimo desenvolvido no Projeto Providência, da Arquidiocese de Belo Horizonte, coordenado pela Fernanda Flaviana Martins — nossa amiga e que há muito, muito tempo, participa conosco de uma série de iniciativas envolvendo projetos sociais e envolvendo a extensão universitária. Eu tenho também a honra de coordenar os trabalhos da Pró-reitoria de extensão na PUC Minas, há onze anos, e tenho tido a oportunidade de aprender muitas coisas.

Quando exercemos um cargo desses, precisamos nos abrir. Precisamos estar com os sentidos abertos, com a cabeça aberta para podermos aprender a vivenciar novas coisas. Para, em primeiro lugar, estarmos inclusos. Eu acho que o que está acontecendo hoje é essa manifestação da arte que é o *graffiti*. Ele geralmente é visto pela sociedade como sujeira, mas não é: é arte, é cultura, é uma maneira de se expressar. Ele merece ser estudado e merece ter um lugar muito mais significativo na nossa paisagem urbana. Isso porque ele é expressão de uma grande população de todas as cidades metropolitanas. Nós sabemos que Belo Horizonte foi uma cidade projetada para a classe média e para a classe alta.

Belo Horizonte era uma cidade projetada para, no máximo, 300 mil habitantes. E essa cidade cresceu para onde? Cresceu para fora, é claro! Houve a construção de prédios, mas na sua grande maioria ela cresceu para fora — em direção à periferia. E isso se tornou um problema, porque a periferia, a princípio, não poderia invadir a área central — a área centro-sul.

Brasília também é uma cidade planejada como Belo Horizonte. Eu fiquei dez anos sem ir a Brasília e quando eu voltei fiquei muito surpreso. Havia uma quantidade enorme de vendedores ambulantes, de camelôs no centro da cidade, as grandes avenidas já não estavam mais tão liberadas, os passeios já estavam ocupados. Essa população supostamente teria que ficar nas cidades satélites, mas voltou. Teoricamente, tinham que ficar fora, fora do plano piloto, mas voltam. — um desafio.

A cidade é de todos. Mas nossas cidades não são inclusivas, não são cidades para toda a população. São projetadas para uma parte só, para alguns.

Então essa é a nossa luta na Universidade, por meio da Extensão Universitária, fazer uma cidade que seja inclusiva, que se volte para as populações que estão de fora.

É por isso, não por acaso, que nós temos desenvolvido tantos projetos com os mais excluídos. Nós vamos fazendo tudo que a Universidade pode para torná-la mais inclusiva. Essa foi a primeira Universidade do país que assumiu decididamente a inclusão de pessoas com deficiência nos seus cursos de graduação.

Então essa é a nossa luta, isso é o que nós pensamos. Quero parabenizar os organizadores deste evento: a Associação Projeto Providência e a professora Sandra Freitas, que está aqui. Agradeço à Faculdade de Comunicação e Artes (FCA) que apoiou e continua apoiado. Ao curso de Publicidade e Propaganda da PUC Minas Praça da Liberdade, que também faz parte da FCA; a acolhida que esse Seminário recebeu por parte da PUC Minas do Coordenador do curso de Publicidade e Propaganda, professor Valério Augusto, do seu Pró-reitor, professor Miguel Alonso, da Diretora Acadêmica, professora Tânia Maria Ferreira, do professor Antônio e os outros professores do curso de comunicação.

Então quero parabenizar e dizer que outras iniciativas como essa precisam se multiplicar de tal maneira que as pessoas que geralmente não têm voz na mídia possam ter. Que elas possam se expressar. Que os artistas que estão aí possam também ter a oportunidade de mostrar os seus trabalhos. Que a gente possa caminhar para uma sociedade mais inclusiva. Para uma sociedade em que todos possam se sentir e se dizer cidadãos, e não pessoas de segunda categoria. Quero parabenizar a todos vocês, e que tenham um ótimo evento. Muito Obrigado!

Agora a palavra está com o Professor Valério Augusto, Coordenador do curso de Publicidade e Propaganda.



VALÉRIO AUGUSTO

Bom dia a todos! É uma honra estar aqui representando o curso de Publicidade e Propaganda neste evento que é realizado pela Associação Projeto Providência e pela PUC Minas, através de diversas áreas que entendem que a Extensão Universitária faz parte de um conjunto de conhecimentos que precisamos ter. Muitas vezes damos muita ênfase ao ensino, à sala de aula, às provas, às presenças — mas nós temos que ter um olhar muito apurado para a extensão.

É na extensão que nós vamos praticar, é na extensão que nós vamos conhecer, é na extensão que nós vamos nos aproximar das pessoas e que conseguimos realmente perceber a realidade — perceber o mundo ao qual pertencemos e encaminhar todo o nosso conhecimento em prol da melhoria da sociedade. Não existe, no meu ponto de vista, o ensino sem a extensão.

Temos pessoas aqui de alto nível e de alta competência. A minha fala será curta, na verdade eu queria agradecer muito a todos aqueles que estão contribuindo para esse evento, além do Projeto Providência e da PUC Minas, tem o pessoal do vídeo, o pessoal do som, os professores, os alunos, que são um conjunto de pessoas que fizeram com que esse evento pudesse acontecer, além dos colaboradores, das pessoas que o organizaram.

Então eu só tenho a agradecer a participação da Publicidade e Propaganda. Espero que tenhamos um bom evento, e desejo muito sucesso nas mesas. Muito Obrigado!

Agora vamos passar a palavra para Diretora da Associação Projeto Providência, Fernanda Flaviana.



FERNANDA FLAVIANA

Bom dia! Gostaria de agradecer as palavras do professor Wanderley e do professor Valério. Muito obrigada, nós só conseguimos fazer isso tudo pelo apoio que recebemos da extensão.

Hoje o Projeto Providência conta com o apoio da extensão da PUC Minas, que tem produzido o Boletim Informativo e tem feito todo o material de comunicação da nossa instituição. Somos muito gratos por isso, pois assim, podemos comunicar melhor com nossos parceiros e com a nossa comunidade.

Queria agradecer, em especial, à Professora Sandra Freitas, que tem sido nossa parceira há muito anos. Para nós, é uma alegria essa parceria. O primeiro contato com a professora Sandra foi especial, ali estavam juntas duas pessoas muito agitadas, animadas e com muitas ideias — e começamos, desde então, a colocá-las em prática. Não posso deixar de destacar os alunos da PUC Minas, em especial Anne, Ana, Pedro e Jéssica (pois eles estão conosco todos os dias) e agradecer a todos os outros que nos apoiam. Vocês têm feito diferença na vida das nossas crianças.

Gostaria de agradecer à equipe do Projeto Providência, com destaque para a Vanessa e a Téia, que apoiaram muito esse Seminário. Agradeço também ao Binho Barreto, grande parceiro em todas as ações de *Graffiti* do Projeto. Esse Seminário foi pensando em conjunto, e o Binho foi fundamental para pensar as mesas e as pessoas que iriam compor as mesmas. Participaram ativamente desse processo também a professora Sandra, o professor Valério e a Vanessa Assis.

Gostaria de registrar que conheci o Binho através de um desenho que ele fez para compor meu livro, fruto da minha tese de doutorado. Depois disso, ficamos amigos e temos feito muitas coisas juntos. Ele é voluntário nas ações sociais de *graffiti* no Projeto Providência. Muito obrigada por isso, Binho.

E por fim, agradeço a presença do grafiteiro colombiano Chota, da Comuna 13 em Medellín, aqui presente. Obrigada por vir compartilhar sua história.

Lembro que é a primeira vez que esse tema é discutido em Seminário no âmbito de Belo Horizonte. Não há registro de seminário que tenha discutido *graffiti*, cidade e inclusão social. Com isso, a proposta é gravar todo o Seminário a fim de compartilhar a experiência e também produzir um livro a partir do relato das experiências. Esperamos realizar um evento no próximo ano e poder entregar a cada um de vocês um livro como agradecimento. Agradeço à Casa do HIP HOP do Taquaril e a todos os grafiteiros aqui presentes.

Muito obrigada e um bom evento para todos!



5 MESA 01 GRAFITE, ARTE E INCLUSÃO SOCIAL

Essa mesa foi mediada por Fernanda Flaviana, que também foi palestrante, e teve como participantes: Helder Cavalcanti, Negro F. e Sergio Lima.



FERNANDA FLAVIANA

Falar sobre *Graffiti* e inclusão social não é tarefa fácil. Com isso, resolvi contar um pouco sobre a experiência que estamos fazendo no Projeto Providência, por meio do *graffiti*, com o apoio da PUC Minas e de Binho Barreto.

Meu nome é Fernanda e eu sou assistente social. Há muitos anos eu atuo na área da infância, sobretudo com crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica — tema sobre o qual tenho alguns livros publicados. Fui professora da PUC Minas por muitos anos e, há dois anos, fui convidada para assumir a direção da Associação Projeto Providência.

O projeto Providência foi fundado por nosso querido Padre Mário Pozzoli e hoje tem como mantenedora a Arquidiocese de Belo Horizonte. É uma alegria imensa estar à frente de uma obra como essa, que atende em torno de 1.600 crianças e adolescentes nas comunidades do Taquaril, do Vila Maria e do Aglomerado da Serra (Unidade Fazendinha).

Sabemos que no Brasil há poucas políticas públicas voltadas para a adolescência e juventude, principalmente para os jovens com faixa etária de 15 a 18 anos. A exclusão social faz parte da vida de milhares de jovens e adolescentes do Brasil.

Hoje, a maior parte da população encontra-se na faixa etária de 15 a 29 anos. Segundo dados do IBGE, essa população representa 51,3 milhões de pessoas. Esses jovens representam um quarto da população do país.

Para pensarmos em inclusão social, é necessário refletirmos um pouco sobre a exclusão social. Afinal, o que é exclusão social?

Infelizmente a exclusão social faz parte da vida de milhares desses adolescentes do Brasil. Ela se agrava se juntarmos outros fatores relacionados à pobreza, ao desemprego, à falta de acesso à educação de qualidade, a um pouco ou nenhum acesso a cultura, à moradia inadequada e à violência.

Enfim, a exclusão social é uma privação dos direitos do cidadão, pois ele não consegue exercer seu direito enquanto pessoa. Ocorre pela ausência de direitos básicos que muitas vezes são violados.

A privação de direitos básicos, como alimentação e moradia, pode impulsionar a violência. Pode ocorrer também de muitos jovens tornarem-se apáticos e desacreditados em relação ao futuro e às suas vidas. Sabemos que muitos morrem cedo, vítimas da intolerância, da violência urbana e doméstica, do tráfico de drogas e outros. Nesse panorama, o *graffiti* surge como forma de expressão de muitos jovens nesse contexto.

No Projeto Providência, a história do *graffiti* surge do meu encontro com o Lucas Bong e com o Rodrigo Astro. Tudo começou no final de 2015, eu tinha acabado de assumir a coordenação no Projeto. Alguns jovens pediram para utilizar a quadra, porém não podíamos emprestá-la, porque estávamos sem o alvará. Em um sábado pela manhã foi celebrada uma missa nessa



quadra e os jovens não compreenderam por que eles não podiam utilizá-la. Na verdade, era um evento curto e que não trazia risco, porém os jovens se manifestaram. No dia, o conflito foi resolvido com a liberação do espaço para eles — mesmo sem o alvará. Em seguida, pedi para que me procurassem, o que não ocorreu. Um dia, estavam na pracinha e eu fui ao encontro deles. Assim conheci o Lucas e o Rodrigo. De um contexto de conflito, passamos para um contexto de diálogo, de paz e, atualmente, de muito afeto. Ando muito na companhia dos meninos, dizem por aí que tenho dois guardas-costas — na verdade, tenho dois anjos da guarda, os queridos Lucas e Rodrigo. Esses jovens estavam nas ruas, como muitos outros, e foi o *graffiti* que nos uniu. A quadra, de espaço de disputa, virou espaço de todos.

A primeira oficina aconteceu no dia 20 de janeiro de 2016. Essa data

é um marco para nós. Comemoramos esse dia, o nosso encontro e o primeiro *graffiti* realizado no Vila Maria, com o apoio do amigo Binho Barreto. Eu prometi uma oficina de *graffiti* para os meninos, a ideia surgiu através do meu contato com Binho — que fez a capa do meu livro, fruto da conclusão do meu doutorado. Enfim, fizemos uma oficina nesse dia, fizemos *graffiti* dentro da quadra e foi muito legal. A partir daí, iniciamos o relacionamento.

Agradeço ao Binho Barreto, pois ele foi fundamental para isso, generosamente ele ensinou aos meninos, que começaram a espalhar a arte pela comunidade. Foi uma amizade crescente, tenho o Lucas e o Rodrigo como filhos do meu coração. Dessa amizade nasceu o Projeto Jovens em Ação. O *graffiti* passou a ser uma ferramenta de inclusão social do Projeto Providência nas comunidades em que atua. Com isso, no dia 06 de novembro de 2016, foi feito um grande *graffiti* em um dos prédios do Projeto Providência, na Unidade Taquaril. O Binho transformou o Lucas e o Rodrigo em multiplicadores do *graffiti* nas comunidades de atuação do Projeto Providência. É importante observar que a PUC Minas sempre esteve presente nessa ação, através do registro e da participação dos alunos — com o apoio da Professora Sandra Freitas.

Acredito que estamos fazendo parte da história do *graffiti* na cidade de Belo Horizonte, em particular do *graffiti* na comunidade. Estamos vivendo um momento de transição em que a cultura do *graffiti* surge com força maior. O *graffiti* está em ascensão e tem feito a diferença, sobretudo para os grandes artistas que vivem nas comunidades. O colégio Santa Maria também nos apoiou levando essa arte para outros jovens, para os seus estudantes. Isso tudo ajuda a divulgar a arte do *graffiti* em diversos segmentos da sociedade. Nas comunidades temos muitos artistas que não conseguem expressar a sua arte, e o *graffiti* é uma possibilidade democrática. Ele se tornou uma peça forte na expressão e nas manifestações dessa juventude.

Esse ano, em abril de 2017, tive a possibilidade de estar na Colômbia e



Oficina de graffiti no Colégio Santa Maria

eu tinha o sonho de conhecer Medellín pela sua história. Lá, eu tive o prazer de ir na Comuna 13. Eu me mudaria para lá, identifiquei-me. Achei a comunidade muito viva — as pessoas muito alegres, comunicativas. Medellín vem sendo um destaque no mundo pelo seu desenvolvimento. Sabemos que essa cidade foi destaque por muitas décadas devido ao narcotráfico e pela violência. O Chota, que veio da Colômbia, irá destacar esse ponto na sua fala. Ele irá contar a sua história de luta, que é muito bonita e forte, sua trajetória na Comuna 13, como o *graffiti* entrou em sua vida e compartilhar um pouco de tudo que viveu.

Bom, vou contar para vocês como conheci o Chota. Como já falei, eu queria muito conhecer Medellín, principalmente a Comuna 13. Em uma tarde, passeando pela comunidade, fiquei impressionada com os *graffitis*. Fiquei encanta em ver como os artistas misturavam as cores e o Chota, em especial, desenhava animais misturados com imagens da comunidade e de pessoas. Então comecei a perguntar: quem é esse jovem? Quem faz esses desenhos? Fiquei muito encantada com o trabalho dele.

Por acaso, eu o encontrei ele na comunidade. Lá estava o Chota com alguns amigos. Assim como encontrei o Lucas e o Rodrigo em uma rua da Vila Maria, encontrei o Chota na rua na Comuna 13, em Medellín. Assim que o vi, encantei-me por ele, pela sua simpatia. Ele é uma pessoa muito alegre e viva. Isso é muito importante! Embora todas as dificuldades que ele viveu, ele não deixa de sorrir, de correr atrás e de acreditar. É uma pessoa viva, intensa, e eu tive a alegria de conhecê-lo.

Eu olhei para ele e falei, em português: vou levá-lo para o Brasil, vamos? Conte sobre o Seminário que iria fazer e que ele me inspirou a continuar com o *graffiti* nas comunidades. Falei que gostaria de sua presença para compartilhar a sua história conosco. E ele está aqui. Muito obrigada, Chota.



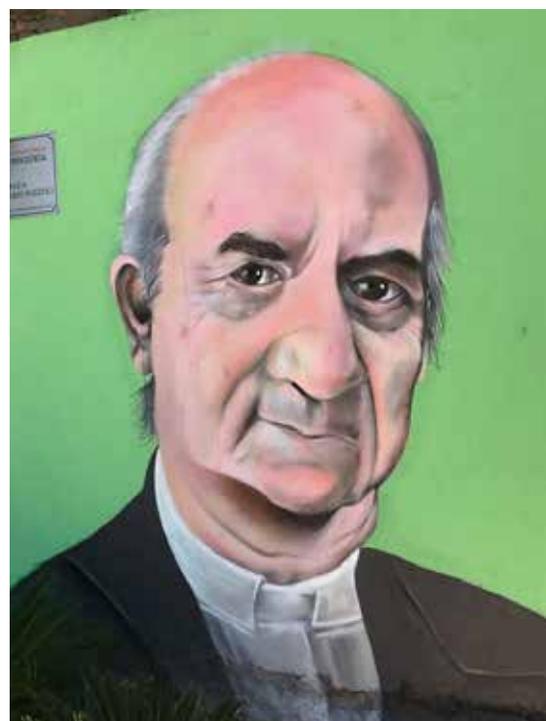
Ele irá contar a história dos irmãos Jorginhos, irá contar sobre o Grafitur, sobre sua galeria de *graffiti*. Ao chegar de Medellín, compartilhei a experiência com o Lucas, o Rodrigo e o Binho. Com isso, resolvemos fazer um evento de *Grffiti* na Unidade Fazendinha, que fica no Aglomerado da Serra aqui em BH.



O Binho reuniu 35 amigos, grafiteiros, e aí eles foram fazer um *graffiti* social (não sei se eu posso dizer esse nome). Eles foram grafitar na nossa comunidade e ficou muito lindo! A Copasa foi parceira e nos cedeu o seu muro na comunidade para grafitar. E ele foi pintado por diversos artistas. Foi maravilhoso, contou com a parceria do Colégio Santa Maria, que doou as tintas e apoiou na organização. Hoje o local é ponto de encontro da juventude. Nós também levamos pessoas para conhecer o tempo todo, pessoas que vem do mundo todo.

Eu acho que muda a cena da comunidade. A partir dessa ação, surgiram vários jovens da comunidade, do Aglomerado da Serra, que nos procuraram pedindo curso de *graffiti* — alguns que eram grandes desenhistas, mas que nunca tiveram nada exposto e puderam fazer um desenho no dia do evento. A pintura ocorreu no entorno do Projeto Providência e do Campo do Najar (time de futebol de lá). A comunidade foi parceira, sobretudo na preparação do local, na limpeza e pintura do espaço a ser grafitado.

Não posso deixar de destacar que muitos espaços abandonados do Projeto Providência passaram a ser revitalizados a partir do *graffiti*. No dia do evento do Aglomerado da Serra, conheci o Lax, que depois nos apoiou pintando a Nossa Senhora Mãe da Divina Providência, nossa Padroeira na Unidade Fazendinha.



Lax também nos ajudou, junto com a paisagista urbanista, que é Natália Cavalcanti, a revitalizar uma praça abandonada no Taquaril. Nós não tínhamos recursos para isso, foi um trabalho voluntário. É um espaço abandonado, com muito lixo e que hoje virou um tipo de arena - uma pequena praça - a praça Padre Mário. Eu gostaria de dar um destaque também às oficinas de *graffiti* ministradas pelo Binho Barreto, com apoio de Lucas Bong e Rodrigo Astro. Essas oficinas são possíveis graças ao apoio do Fundo Estadual da Cultura. Já foi realizada uma oficina no Vila

Maria e, em breve, acontecerá no Taquaril e no Fazendinha.

Obrigada a cada um de vocês. Convido a todos a participarem do ato de *graffiti* nas comunidades do Projeto Providência. Amanhã acontecerá no Aglomerado da Serra uma ação de pintura na praça e, em seguida, na mesma semana, vamos pintar o coreto da pracinha do Taquaril - com o apoio da Casa do HIP HOP. E, por fim, no sábado vamos grafitar a





comunidade do Vila Maria. Será um evento maior e que vai reunir vários de vocês que estão aqui. O Binho Barreto está organizando. Lembrando que o Chota irá deixar um *graffiti* em cada uma dessas comunidades, então será uma oportunidade para conhecer a sua técnica. Estão todos convidados! Agradeço a



inspiração que eu tive, que nós temos todos, e que as nossas crianças e adolescentes têm, cotidianamente. Com você, Binho, com a sua arte, Chota, e de todos os grafiteiros amigos aqui presentes. Que vocês continuem despertando sonhos e realizando conquistas com esses jovens que querem ser desenhistas — que se inspiram em vocês! Para o Projeto Providência, o *graffiti* se tornou uma arte de inclusão social de jovens nas vilas de nossa atuação. Por meio do *graffiti*, podemos mostrar para o mundo a arte que muitas vezes fica oprimida e escondida no seio dessas comunidades. Muito obrigada!



HELDER CAVALCANTE

Eu estou chegando agora e tenho muito o que aprender, mais do que ensinar. Vim para falar sobre o projeto ocorrido no Hospital Psiquiátrico Galba Veloso. Uma amiga minha, a Cissa, me convidou para pintar lá, e na época ela trabalhava como Terapeuta Ocupacional no Galba. Quando fui lá ver o espaço, era um espaço muito grande, e para eu pintar sozinho não ia fazer sentido. Diante disso, comecei um processo de pensar sobre os artistas que eu iria convidar, artistas que teriam uma escuta do espaço e que não fizessem uma arte muito impositiva. Feito o convite, foi mais de um ano para a captação dos recursos para realizar. Foi um projeto independente, e não conseguimos o apoio de nenhuma empresa. O dinheiro veio todo de uma rifa que o pessoal do Galba organizou, fizemos também um leilão virtual com as obras do artistas que iriam pintar lá, e com os trabalhos de outros artistas que não participariam, mas se envolveram e doaram trabalhos. Eu queria pedir para passar o vídeo, que eu acho que dá para ver melhor. ((Vídeo, Galba Veloso, direção Fernando Biagioni, 2017, 3min)).

O vídeo me fez pensar em várias coisas, que estão antes do processo acontecer. Eu fiz um curso, acho que foi em 2013, com o pessoal do Observatório da Juventude da UFMG, sobre Formação de Agente de Projeto Social. Esse curso durou um ano e estava mais voltado para o olhar de quem vai fazer projeto social do que para a parte de estrutura do projeto, ou para a sua escrita.

Esse curso estava mais voltado para a escuta, para você ter a humildade de chegar no espaço e entender o que acontece naquele ambiente. Entender as pessoas que estão ali, qual é o desejo delas; porque não adianta você chegar cheio de vontade querendo levar um curso de informática, sendo que as pessoas não estão a fim de informática. É a mesma coisa de querer levar o *graffiti* em um lugar onde as pessoas não querem aprender o *graffiti*. Isso acaba se tornando uma transformação nossa, tem a ver com sair de um pensamento colonizador. Sempre temos essa ideia que chegaremos em um lugar levando a transformação, levando o bem - que a gente é a verdade e que aquilo tem que ser transformado. Só que não é bem por aí. Cada espaço já tem muita vida acontecendo, já tem um movimento que está rolando. Você tem que chegar com humildade, para poder somar naquele espaço, ao invés de chegar impondo. O vídeo começa com aquele rap maravilhoso, que foi logo quando a gente chegou no hospital no primeiro dia de pintura. Ele estava cantando para o segurança que estava fora, e a gente foi escutando, e logo aquilo foi abrindo as portas para a gente.

Nós buscamos aprender com as palavras daquele cara que estava internado no hospital psiquiátrico. Muitas vezes, as pessoas que estão ali são muito sensíveis, e o mundo que a gente vive não nos prepara para lidar com a sensibilidade deles.

Helder Cavalcante pintando no Hospital Galba Veloso. Foto: Fernando Biagioni





como acontece com esse preconceito com a loucura, a pichação entra nesse sentido também - ela é alvo de um preconceito enorme.

O *graffiti* tem uma aceitação estética maior e as pessoas acham que ele está indo contra a pichação, como se fosse uma coisa inimiga da outra, mas na verdade está tudo junto: é uma manifestação que acontece e não há como controlar, é a necessidade de expressão. Sempre que estamos pintando na rua, escutamos um comentário: “duvido que a pessoa que está pichando, vai fazer um desenho bonito igual você está fazendo aí”, mas as pessoas não conseguem entender a pichação. Acho que falta esse olhar de humildade para entender o que está acontecendo, ao invés de julgar; procurar entender o outro pode ser muito transformador.



NEGRO F

Sou o Negro F, gostaria de agradecer por estar aqui, à PUC, ao Projeto Providência, agradecer a todos, agradecer ao Binho, tanto pelo convite quanto pelas diversas inspirações. Ele é um cara que eu conheço há mil anos, desde moleque - apesar de ser tão novo ((riso)). Eu acho que ele deve ter começado a grafitar com cinco anos de idade, inspirou muita gente e continua inspirando.

Eu me reconheci grafiteiro, me encontrei como educador social, me formei em design gráfico e hoje atuo como articulador social. Eu venho de uma comunidade, do Alto Vera Cruz, com 40.000 habitantes - sendo 20.000 deles jovens e com uma perspectiva muito ruim, de lidar com, ou estar na criminalidade e geralmente morrer novo. Infelizmente, desde quando comecei no *graffiti*, em 1996, nas minhas caminhadas pelo HIP HOP, essa é uma realidade que ainda permeia minha comunidade e tantas outras - assim como nas em que o Projeto Providência atua.

O que me guia é o HIP HOP. Uma cultura que é dos jovens das periferias de Belo Horizonte, inspirados nos guetos Norte-Americanos. É bom que jovens negros lá dos EUA tiveram coragem de colocar sua “cara preta” na televisão, nos lugares, nos filmes e inspirar outros jovens de todo o mundo! Tocado por essa energia, também me tornei parte dele. O *graffiti* faz parte desse movimento, e foi ele que me cativou a tornar um jovem e atuar de forma positiva. Para mim, a periferia é a base: eu moro em comunidade, transito por comunidades, tenho pouco trabalho na região central. Hoje, tenho, cada vez mais claro na minha mente, que eu não quero trabalhar na região central - de grande visibilidade. Porque a minha base é a periferia - e é esse lugar que eu quero transformar. Ele foi referência para mim e para vários jovens. Quanto mais periferia melhor.

O HIP HOP ganha muito por estar em espaços públicos e eu, particularmente, tenho feito a opção de estar sempre na minha comunidade. Fui inspirado por essa cultura e quero inspirar outros jovens também, quero mudar a vida deles e contribuir. É algo sobre resistência, porque eu acredito que devemos sempre resistir. Eu digo que o Alto Vera Cruz é um grande quilombo. Inspirado por Palmares, e por outras diversas periferias, nós vamos fazendo o nosso lugar ali.

O Alto Vera Cruz hoje é uma comunidade com um *know-how* diferenciado. Levantamos o primeiro centro cultural de periferia, conquistamos vários orçamentos participativos para a melhoria da comunidade, e hoje possuímos grandes nomes de referência, não só mineira como nacional, que produzem cultura a partir da comunidade. Eu sou muito feliz por fazer parte dessa história também. E o que vimos tentando ecoar é essa voz positiva, mostrando para aqueles jovens de lá que é possível sonhar - porque vivemos um momento em que as pessoas estão esquecendo de sonhar. O presente ali para mim diz muito, porque se fizermos algo hoje, teremos um futuro melhor. Eu acho que em um passado, que já foi mais próspero, nós acreditamos que estava em uma maré boa e paramos de remar: seja politicamente ou socialmente. Para retomar, temos que pensar em um presente em que iremos remar juntos.

Acho que esse Seminário ajuda a refletir um pouco isso, de como a gente pensa na inclusão dessas pessoas. Como vocês têm a perspectiva de fazer esse Seminário todos os anos, por que não fazer um Seminário desses dentro das periferias? Nas comunidades? Levar para a comunidade? Tem o caso aqui do meu irmão Denis, na plateia, que vem do Palmital. Muitas vezes a gente deixa de olhar para esses lugares. Costuma circular na Avenida do Contorno e não andar nas periferias.

Na próxima possibilidade, podem contar comigo para levar isso às

outras comunidades - para fazermos essas reflexões. Eu tive uma experiência muito boa de rodar com o projeto da transição para o sinal digital e, por incrível que pareça, tem bastante liderança fazendo muito com nada: organizando gente, organizando base, conversando com as pessoas e as motivando. Acredito que precisamos ir a esses lugares, conhecer essas pessoas e, cada vez mais, inspirá-las e motivá-las para fazermos juntos.

O que estão chamando de inclusão? Vou trazer de novo essa reflexão. Por que não levar espaços reflexivos e de produção de conhecimentos para essas comunidades? Sabemos como é a geografia de Belo Horizonte, assim como o transporte público; vamos caindo nas armadilhas de criar espaços só na região central. Por que não levar essa reflexão e fazer com que uma camada de pessoas possa circular para outra Belo Horizonte? Estamos vivendo o momento de mostrar os 120 anos da cidade; destacam os monumentos e os espaços históricos, mas existe um povo que necessita de visibilidade. Então é para refletirmos e pensarmos nessa inclusão a partir das pessoas, não um sujeito como um objeto que vai ilustrar.

Eu queria trazer algumas experiências, como o Basquiat *Graffiti*, que é um projeto premiado nacionalmente que eu tive a honra de conduzir. Fazemos algumas formações de arte urbana e *graffiti* a partir da inclusão. São relacionamentos que criamos com empresas e comunidades. Esse projeto foi uma parceria com a Vale, através dele pudemos rodar em algumas comunidades de periferia. Um outro projeto foi uma intervenção que fiz em uma universidade, eu me inspirei em fazer uma tipografia que lembrasse a pichação e trouxesse cores e coisas mais abstratas. Lembro-me de um dia em que uma pessoa passou perto e me perguntou: “isso aí é uma pichação?” E eu prontamente respondi: “sim, é uma pichação”. A perguntou de novo: “mas não chamam de *graffiti*?”. Eu respondi: “é tudo a mesma coisa”. As pessoas, às vezes, tentam separar pela estética: ou é bonito ou é feio. A única coisa que





eu gosto de separar é Atlético e Cruzeiro, porque eu sou Atleticano e não Cruzeirense - o resto a gente gosta de misturar.

Teve também o festival de arte urbana, esse festival foi bem bacana, foi feito este ano e pegamos os 17 desafios da ONU e convidamos os grafiteiros para se inspirarem e produzirem a sua arte. O projeto que eu tenho executado atualmente é chamado Amor pelo Alto Vera Cruz Nos Muros, que foi o fruto de uma reflexão. O Alto Vera Cruz havia saído em uma página de jornal como a comunidade mais violenta do estado de Minas Gerais, e a partir disso começamos a fazer uma série de movimentos. Depois eu escrevi um projeto de lei de incentivo e mobilizei artistas da comunidade para pensarmos em um corredor cultural. Pintamos contando histórias colhidas dos moradores, das lideranças, dos grandes talentos que temos lá e fizemos essa revitalização. Foi uma composição muito coletiva: com os artistas e com a comunidade. Fomos dizendo os temas da resistência, da cultura juvenil, das mulheres e do amor pela quebrada e o que move isso tudo, que é muito bacana de se dizer,

é uma coisa que se chama transformação social; eu acho que tudo o que me motiva é transformar o sujeito, transformar a quebrada, e de alguma forma, mudar o olhar das pessoas. Eu gosto de participar e gosto de estar junto. E aí, para encerrar, quero agradecer ao Binho por uma oportunidade que tivemos, e que fizemos um painel que foi ímpar, pintamos um quarteirão de muro em uma creche. Meu sonho é voltar lá em uns cinco anos e juntar a molecada toda dessa foto (crianças que aparecem em uma foto com *graffiti* ao fundo). O projeto foi lá na creche Pupileira Ernani Agrícola, fizemos uma ação social muito bonita, lá no Horto, e me presentearam com essa linda foto das crianças na frente do meu *graffiti*, quero dizer que é por esse sentimento, por essas crianças e por esse planeta onde elas estão vivendo que eu acredito e quero buscar mais a transformação. Estamos juntos e misturados, obrigado!



SÉRGIO LIMA

Eu vim falar um pouco da minha experiência e mostrar um lado da academia que é carente. O *graffiti* precisa ser estudado, precisa ser esquadrinhado e precisa da voz de quem o faz, de quem viveu, de quem sabe como é. Precisamos nos colocar nesses espaços também. Temos que ocupar todos os espaços; Não tem espaço desperdiçado, se tem espaço temos que estar juntos. A academia é um espaço que precisa ser ocupado. Eu sou arquiteto e sempre gosto de colocar minha descrição que tudo começou com a pichação. Sou de São Paulo e nos anos 1990 a cidade não era brincadeira. Não é à toa que os Racionais surgiram naquele contexto, representando a periferia tentando ocupar a cidade mesmo, porque ela é totalmente excluída. O sistema é bruto, em todo lugar é, mas em São Paulo é impressionante. Eu sou da favela, o pessoal perguntava lá e a gente respondia: “sou da favela mesmo”.

Então eu sou da favela de São Paulo, na zona sul, e comecei pichando - para levantar o meu nome, ser alguém como todo mundo da minha rua. “Quero ser alguém nesses arranha-céus. Eu tenho voz, eu tenho meu lugar.”, era o que eu repetia para mim. E por sorte eu fui cair em uma escola que era a mesma escola dos Os Gêmeos. Eu estudava no centro e pichava por lá. Acabei fazendo arquitetura, caí em um curso que analisa cidades - que reflete sobre a cidade. Estudei e me formei como arquiteto e vim fazer o mestrado aqui em BH. Quando falei que queria estudar *graffiti*, a relação dele com a cidade, a primeira perguntaram foi “Você é contra ou a favor?”. Eu falei: “vamos tirar essas pontes, essas fronteiras.”. Porque não é bem assim, ou sou uma coisa ou sou outra. Vamos discutir melhor para a gente chegar a uma opinião. O meu trabalho se desenvolveu para estudar o fenômeno do *graffiti* e entender como ele surgiu e contextualizar - é um resultado de toda uma série de políticas e formas de apropriação da cidade. O mais bacana é que eu vim aqui, eu estou emocionado porque é o resultado de ter estudado anos e, muitas vezes, você não tem com quem conversar. Eu falava para as pessoas: “pouco me importa o desenho, o que me importa é a ação.” - se você está pintando, você está ativando a cidade em uma esfera que ninguém conhece. Você tem a oportunidade de conhecer as pessoas, de interagir com elas. O fato de você estar ali na cidade, tá na cara que isso é muito importante. Mas ninguém fala disso, é uma parte invisível do *graffiti*. Eu não grafito para ver o meu desenho. Eu não tenho foto, eu sou super relaxado com isso, mas eu lembro de cada dia em que eu pinte. Hoje a coisa está mais fácil para quem faz *graffiti* - era bem mais complicado. Na década de 1990, você começava a pintar e todo mundo ia para cima de você - morador, polícia. Era considerado vagabundo mesmo. Ainda assim, mesmo tendo um evento tão emblemático como o que ocorreu esse ano em BH na cena do *graffiti*, e a política da cidade é de perseguição aos grafiteiros e pichadores. A repressão está muito forte,



em vez de reconhecer e legitimar estão simplesmente punindo - não dando voz, não incluindo, não reconhecendo. Então precisamos tomar todos os espaços, todas as mídias mesmo.

O *graffiti* é uma arte que envolve o corpo, isso é muito legal. Então a arte já foi para o espaço, e o *graffiti* é espacial. A leitura que o grafiteiro e o pichador têm da cidade, tem muito urbanista que iria querer. Tem pichador que conhece cada canto da cidade, porque ele já fez uma assinatura ou conhece alguém que já escreveu lá. Isso pra quem controla a cidade às vezes é assustador, porque de repente olha para cima de um prédio e fala assim “Que isso? Alguém escalou isso aqui e marcou aqui tudo da noite para o dia!”. Pela questão de segurança a galera assusta. Mas ao mesmo tempo, esse é um uso da cidade que você não previa. Como você poderia prever que um cara iria lá, escalar para poder colocar a assinatura dele? São formas de usar a cidade que não estão no papel. A gente tem que lembrar disso, por mais que estejam sendo legitimados, reconhecidos, uma grande parcela da cidade, principalmente quem tem um controle, não gosta; Porque eles não conseguem controlar. E esse é um grande poder, essa é uma força que o *graffiti* tem. Percebo que ao longo do desenvolvimento de meu trabalho, muitos professores começaram a entender um pouco mais esse lado. E perguntavam: “de onde você está vindo com isso? Então você é a favor, de ficarem aí pintando tudo?” E eu respondia: “eu sou, tem que pintar tudo mesmo”. O Banksy deu a melhor definição de cidade que eu já vi na minha vida, ele falou assim: “A minha cidade iria chamar tinta fresca, porque em qualquer lugar que você encostasse iria ter uma placa “Cuidado, tinta fresca!”. A cidade iria ser pintada o tempo todo, isso é uma cidade viva. Não é uma questão de estética, mas de reconhecimento e ocupação da cidade. Eles estão usando a cidade, é um outro modo de a ler. A partir do momento que você começa a decifrar alguns códigos, porque se escreve em códigos mesmo, né? Então você começa a ir além da

cidade, é uma outra camada, uma outra forma de acessar a informação. Uma cidade que não tem manifestação é uma cidade muda, vocês já pararam para pensar nisso? Um lugar que não tem nenhuma manifestação nas paredes não fala nada. Poderíamos analisar esse fenômeno de outros modos e enxergar muito mais potência nisso; Só quem já esteve na periferia e trabalhou com o pessoal sabe o valor que ela tem. E temos que ter muita consciência disso, a capacidade transformadora que temos, a capacidade criativa é abismal.

O Brasil é a referência do *graffiti* no mundo, o mundo aplaude. Enquanto pessoas desavisadas vão pintando tudo de cinza. Mal sabem que é uma grande galeria a céu aberto. Temos de reconhecer essa parte também invisível do *graffiti*, que é a pessoa ali na rua, naquele dia, tendo o contato, botando a cara a tapa muitas vezes. A pessoa estava na rua, estava naquele momento, seu corpo estava performando. E isso é uma ligação única com a cidade. Então encerro por aqui a minha fala.

O projeto é maravilhoso e eu tenho o privilégio de ter sido convidado, pelo contato com a professora Sandra. Fiquei muito feliz em estar aqui e em conhecer um trabalho tão magnífico, de dividir a mesa pessoas tão poderosas.

6 MESA 02 A ARTE DO GRAFFITI

Essa mesa contou com a mediação da professora Maria Luiza Viana, e teve em sua composição a presença de Carol Jaued, integrante do Grupo Minas de Minas, que abordará a importância da mulher no contexto do *graffiti*. A professora Marta Neves, que irá discorrer, sobre o valor do *graffiti* para a sociedade e, em seguida, teremos a fala do Roger Dee, um dos primeiros grafiteiros de Belo Horizonte.



CAROL JAUED

Gostaria também de agradecer o convite para estar aqui hoje. Eu tive a oportunidade de fazer uma pintura na Serra, bairro de Belo Horizonte, através do Binho Barreto, que foi em uma das unidades do Projeto Providência. Achei muito interessante essa questão de atrair os jovens e as crianças da comunidade e colocar arte com um papel importante para eles. Primeiro falarei um pouquinho de mim, mostrarei alguns vídeos de algumas coisas que vêm acontecendo dentro do *graffiti*. Meu nome é Carolina Jaued, mas sou conhecida como Carol, e vai fazer dez anos que eu sou grafiteira na ativa.

Eu falo que conheci o *graffiti* como espectadora, porque o conheci quando eu ainda era criança. Naquela época, mal se via *graffiti* na cidade e dentro de casa eu tive o primeiro contato, através do meu irmão que gostava muito e tinha algumas revistas sobre o tema. Eu era muito nova e muito



criança, então eu só via, e sete anos depois me interessei mais, eu era observadora, passava de ônibus e via as coisas querendo entender. Depois eu comecei a me envolver mais e conheci algumas pessoas que faziam o *graffiti*. Um belo dia eu fui convidada a fazer o meu primeiro *graffiti*. E aí eu pensei: “Como é que eu vou fazer?”. Parece que é fácil, mas na verdade não é. Eu não sabia nada de spray - não sabia como pegava na lata, não sabia como apertava. Só que mesmo assim eu fui. Eu já tinha alguns desenhos esboçados. Fui, arrisquei, gostei e continuei. Lá se vão dez anos. No meio dessa cami-

Carol Jaued no festival de Graffiti do Projeto Providência, no Vila Maria



nhada, criei uma marca de roupa, porque entendi que as pessoas queriam estar mais próximas do *graffiti* que eu fazia. É uma marca mais voltada para as mulheres, com camisetas com artes minhas. Elas se identificavam, porque eram sempre as mulheres à frente de algum movimento. E aí as mulheres percebiam que elas tinham voz naquela arte. Quando eu entrei no *graffiti* em Belo Horizonte, só existiam seis mulheres que faziam *graffiti*. Tinham aquelas que começavam e nunca mais voltavam, e isso era uma coisa que me incomodava muito: às vezes a mulher entrava, porque o seu namorado era grafiteiro, e quando terminavam o namoro ela não continuava. Parecia que ela mesma não se conectava com o *graffiti*. Um belo dia, encontrando com outras grafiteiras da cidade, começamos a trocar ideias e vimos que os nossos pensamentos batiam muito; Os questionamentos, as dificuldades. Falávamos: “precisamos fazer alguma coisa além de só pintar”. E criamos uma *crew* ((equipe)) que está em atividade até hoje: fazem cinco anos. A equipe se chama Minas de Minas, ela é formada por quatro mulheres (eu, Viber, Musa e Nica), todas estão na ativa há dez ou doze anos. Já possuíamos uma trajetória anterior com o trabalho individual e, mesmo com a equipe, não o deixamos de lado. Percebemos que, quando criamos a Minas de Minas, não sabíamos no que ia dar, não tínhamos ideia nenhuma se funcionaria ou não. Acabou que deu muito certo, estamos realmente atingindo nosso objetivo - que é ser um ponto de referência para outras mulheres se integrem no *graffiti*.

O primordial, que sempre carregamos, era a ideia de que tínhamos que mostrar que no *graffiti* existem mulheres trabalhando - e que essas mulheres são capacitadas igual a qualquer outra pessoa que estava na cena.

Ramar no festival do Projeto Providência, Fazendinha, Serra

E aí começamos a produzir mais. Era uma coisa que já fazíamos, mas nós entendemos que quatro pessoas juntas teriam uma força muito maior. E assim aconteceu, nesses cinco anos várias coisas aconteceram: fomos amadurecendo, assim como o nosso trabalho - se pegamos um trabalho de quatro anos atrás, percebemos o quanto evoluímos.

E essa evolução vem muito desse coletivo, de podermos trocar ideias e convivências. Isso é muito importante, porque é uma coisa que eu percebo que acontece muito - não só com a *crew*, mas com todos grafiteiros. Temos sempre essa troca, essa experiência. Com a equipe, começamos a criar vários projetos, percebemos que as mulheres foram chegando e que a sua presença foi crescendo. A cidade passou a ter várias artistas atuantes com o *graffiti*. Vimos que a nossa responsabilidade era muito grande e que precisávamos que essas artistas conhecessem umas às outras. Hoje com a internet nos conectamos com milhões de artistas, mas cara a cara é totalmente diferente desse acesso de internet. Muitas dessas mulheres se conheciam pela internet, mas não tinham oportunidade de trocar uma ideia pessoalmente. Às vezes, porque tinha vergonha de chegar e falar: “Oi! Você que é a fulana? Gosto demais do seu trabalho!”. E aí, criamos um evento chamado Delas, um encontro voltado só para as mulheres grafiteiras.

Todo mundo vai me falar que já deve ter visto milhões de homens pintando, e às vezes nunca viram uma mulher em atividade. Eu vou passar dois vídeos. Um é desse Evento, veremos o número de mulheres em ação. O outro é uma produção da nossa *crew*, que é um projeto nosso que se chama Nós Podemos Tudo. Então veremos nesses dois vídeos um pouquinho do trabalho que realizamos. Um foi o do evento Delas e o outro é com produções nossas - se vocês passarem por lá, na rua Espírito Santo com Avenida do Contorno, vocês poderão ver este painel.

Tem um também na estação central - que é a Elza Soares. Faz parte do projeto que se chama Nós Podemos Tudo, no qual retratamos mulheres que fizeram, e ainda fazem, história no Brasil. Viemos com a ideia de representar uma mulher só, ou com uma mistura: fizemos a Carmem Miranda fundida com a Taís Araújo. O objetivo é colocar o *graffiti* na rua, mostrar a arte do *graffiti*, mostrar a presença da mulher dentro do *graffiti*.

A equipe hoje tem cinco anos, ela é a única *crew* só de mulheres no *graffiti* no Brasil. Já existiram outras, mas não estão mais em atividade. Existem algumas *crews* que são de *graffiti*, tatuagem mais alguma coisa - mas só de *graffiti*, localizada na mesma cidade e atuante são só as Minas de Minas. Obrigada!



MARTA NEVES

Não sou grafiteira, mas eu tenho uma oficina que envolve *graffiti*. Eu a fiz a dois anos, no projeto associado à Beira Linha - que é uma região próxima a PUC Minas São Gabriel e que atravessa vários bairros. Tem aula para crianças e adolescentes. Desenvolvi esse projeto durante dois anos, em 2013 e 2014.

Em 2014, inseri um pouco de fotografia, que é o Projeto Arte da Beira Linha. Inclusive trouxe umas imagens para mostrar. É uma apresentação geral do projeto, só para ilustrar um pouco do que foi, para ilustrar o que eu penso, que é uma possibilidade de interseção entre linguagens, de comunicação através da arte, que aconteceu em 2014. Repetindo: eu não sou grafiteira, mas estou aqui perto de gente que é da área do *graffiti*. Eu não tenho experiência com ele, apesar de ser artista plástica.

Gostaria de dar um posicionamento político aqui, eu não vejo o *graffiti* como superior à pichação. O Brasil é o único país que faz essa distinção - são todas formas de arte urbana. Às vezes consentidas e às vezes não. Às vezes melhores nas suas formas de comunicação, criação e incentivo e às vezes piores. Mas são todas formas de arte urbana que devem ser respeitadas. Na minha opinião, de maneira alguma devem ser condenadas.

Trabalhamos inicialmente com câmeras, inclusive analógicas. Fizemos alguns exercícios com equipamentos alternativos, como com a técnica de pinhole. Fazíamos câmeras com caixinhas e latinhas, fizemos alguns exercícios que tiveram como resultado fotografias que os meninos produziram com a técnica de pinhole, que é bem difícil de fotografar. Produzíamos fotos sem câmeras, com interferência direta no papel fotográfico. Desenvolvíamos no laboratório de fotografia da PUC do São Gabriel, porque esse projeto foi realizado dentro das dependências da Universidade. Os resultados das fotografias tiradas sem câmeras com objetos diretamente no papel fotográfico, são imagens belíssimas. Os resultados são muitas vezes surpreendentes. A partir dessas fotos, que a gente depois reproduziu, eu propus um exercício de colagem.

Apresentei também artistas da história da arte, e os participantes do projeto desenvolveram coisas interessantes. Entramos na área de colagem, como fizeram os artistas do dadaísmo. Apresentava isso de uma forma simples, com uma linguagem mais acessível, pois era preciso considerar a idade dos meninos - tentando se comunicar de forma mais próxima deles. A coisa funcionou muito bem. E aí, eles misturaram imagens de revistas e fotografias abandonadas encontradas em um laboratório para produzir lambe-lambes, que são irmãos do *graffiti*. E eles foram colados dentro e fora da PUC. No vídeo, temos alguns exemplos de como eles produziram. O processo teve algumas coisas trágicas. Não tem censura, pelo menos se depender de mim,

não. E isso foi maravilhoso!

Outra experiência que tivemos com fotografia dentro do laboratório foi com *light painting* - uma técnica em que fazemos desenhos com a luz. Os resultados foram maravilhosos! Eles também se integraram às colagens, aos lambe-lambes. Outro exercício que eu propus para eles, já mais no final do processo, foi baseado no trabalho de uma artista contemporânea fabulosa: a Cindy Sherman (que também trabalha com fotografia). Não é um processo de autorretrato que ela faz, embora ela sempre apareça fotografada. É mais um processo de jogo com a ideia de estereótipos criados midiaticamente. Apresentei, para os meninos, algumas possibilidades e variantes do trabalho dela e levei para PUC uma série de adereços e maquiagens. Os meninos foram produzindo fotos, cenas, situações inspiradas no trabalho da Cindy Sherman. Os resultados também foram muito interessantes, inclusive faziam *selfies* com câmera analógica, no banheiro. Foi sensacional.

Produzimos também cenários para o telejornal Diálogos, projeto de extensão da PUC Minas São Gabriel. Fazíamos uma discussão anterior, tentava entender qual que era a função dos cenários. Os meninos esboçavam os *graffitis* e depois faziam. Aproveitamos algumas janelas e portas que estavam jogadas na PUC, em um acervo que tinha lá, e trabalhamos em cima, ficou bem bonito. Chegamos a fazer alguns exercícios com Fanzines. Fazíamos jogos, como os dos surrealistas chamados *Cadavre Exquis* - em que cada participante desenha um pedaço do desenho, sem que os outros tenham visto o que o anterior fez, desenha, dobra a folha e passa adiante. Isso tudo gerou desenhos preparatórios para o muro. Entravam narrativas de sonhos deles também.

Como resultado de todo esse processo da oficina, a gente não formou nenhum grande grafiteiro, nenhum grande desenhista, nenhum grande fotógrafo, mas eu acho que demos oportunidade para que as pessoas descobris-

sem que elas têm algumas possibilidades criativas que podem ser trabalhadas. Inclusive de pensar que futuramente podem se dedicar a profissões, não sempre ligadas diretamente à arte, mas conectadas a ela de alguma forma. Havia alunas que queriam se dedicar à área da moda e gente interessada em arquitetura; É um público diversificado, que mora perto da PUC São Gabriel. Muita gente que tem a situação socioeconômica um pouco complicada. Por isso, acho que os resultados às vezes são muito difíceis, somos muito cobrados em relação ao que conseguimos, e os resultados às vezes são muito difíceis de avaliar. Lidamos com o aspecto humano, que não é mensurável estatisticamente. Eu acho que a própria convivência foi parte do processo: algo incrível, brilhante, e que dá saudades. Obrigada!



ROGER DEE

Meu nome é Roger Dee. Hoje eu sou Dj, mas eu iniciei na cultura HIP-HOP como b.boy e como grafiteiro. Eu fui um dos primeiros grafiteiros de Belo Horizonte e queria falar um pouco sobre como apareceu o *graffiti* em BH, sobre sua história aqui e de como ele surgiu nos Estados Unidos.

Tem uma polêmica muito grande, porque algumas pessoas de lá falam que o *graffiti* não faz parte do HIP-HOP. Em certo ponto, eu concordo com isso, porque o *graffiti* surgiu muito antes do HIP HOP. O *graffiti* apareceu nos meados dos anos 1960, ele não tinha nem esse nome. O pessoal se referia como escrita, *write*. O *writer* seria como se fosse o pichador aqui no Brasil. Para mim, não existe diferença entre grafite e pichação - uma vez eu fui falar isso e eu quase fui decepado. Eu vou explicar, mais ou menos, por que no Brasil tem essa diferença de *graffiti* e pichação. Quando começamos a pintar

na rua, éramos muito parados pela polícia. Andávamos com os nossos bloquinhos de desenho e com fotos, o argumento que a gente usava para evitar ser preso era do tipo: “Isso aqui não é pichação, isso é arte! Olha o que a gente está fazendo.” Aí nós abríamos o bloquinho e mostrávamos para ele o que estávamos fazendo. Apresentávamos as fotos e eles falavam “Ah! Isso não é pichação, isso é arte!” Então eu acho que isso foi um dos argumentos que foi usado no Brasil, não foi só em BH, como também em São Paulo - com os Gêmeos, com o Tinho e com vários grafiteiros que estavam naqueles primeiros tempos. Acho que foi por isso que o pessoal começou a achar que o *graffiti* não veio da pichação. Ao meu ver, a pichação é uma forma de *graffiti*. Para início de conversa, essa palavra *graffiti* não existia nas ruas, existia o termo *writer*, e ele só foi aparecer na mídia dos Estados Unidos por volta de 1972. Teve uma matéria que falava dos *writers*, e os repórteres começaram a dizer que eram *graffitis* - supostamente a partir de um termo usado, acho que, na Roma Antiga. A coisa começou com as *tags* (assinaturas), que são praticamente as pichações. Das *tags* passamos para os *throw-ups* (letras arredondadas), que são os *graffiti* feitos mais rápidos. Depois começaram os *pieces* (desenhos de letras mais complexos) e em seguida, os murais. Quando chegamos nos murais, as pessoas começam a identificar que não era do meio do *graffiti*: “Ah! Isso é arte!”. Falar que pichação é feia e que *graffiti* que é bonito é algo que surgiu para agradar as pessoas que não são do meio. Eu era pichador, a maioria que faz *graffiti* pichou. A questão é que muito pichador quer falar que é artista também. Isso vai tirar da pichação o mais importante, que é o anarquismo. Ela é revolucionária, é a inquietação de fazer alguma coisa na cidade porque as pessoas não estão te dando voz. O desejo da grande maioria dos pichadores é que eles querem ser vistos, só isso. Essas pessoas vivem em um mundo extremamente massacrante, então elas querem ser percebidas. Quando começamos a fazer pichação, usávamos o pincel atômico. Fazíamos nos ônibus, nos muros; Do pincel atômico, começamos a fazer desenhos.

A primeira vez que eu vi alguma coisa que eu entendesse como *graffiti*, foi em 1977. Eu tinha oito anos de idade e vi no filme *King Kong*. O gorila ia derrubar um vagão de metrô e ele estava todo pintado, eu achava que aquilo era coisa cenográfica. Depois eu vi um filme que se chama Anjos da Guarda, que contava a história de um grupo que fazia uma proteção comunitária dentro dos vagões de metrô em Nova York, e esse filme mostrava muito *graffiti*. A partir daquele momento, fiquei louco. Eu queria saber o que era, de onde veio. Na época, a gente andava pela cidade, via algumas pichações e relacionava com aquilo. Muitas pichações que eu via eram do Celton, o cara que vende as revistinhas no sinal. Ele escrevia, naquela época, no início dos anos 1980, “leia Celton” para todo o lado. Então, em 1983, o HIP HOP chegou no Brasil. A primeira cena de um *graffiti* sendo feito que eu vi foi no filme *Flash Dance*. Em seguida eu vi um vídeo clipe que chamava *Buffalo Girls*, do Malcolm McLaren. Eu vi um cara riscando com um spray, fazendo um desenho. Eu falei “Puts! É aquilo que eu vi no filme *King Kong*. É aquilo que eu vi no filme Anjos da Guarda.”. Antes era só o desenho já pronto, e agora eu estava vendo ser feito. Quando falaram, como citei no início da conversa, que o *graffiti* não faz parte do HIP HOP, ou que ele não faz parte porque ele começou antes, é porque o HIP HOP apropriou-se daquilo que já existia. Ele adequou ao formato HIP HOP. Depois foi lançada uma revista chamada *Breakdance* e nela tinha uma foto de alguns dançarinos de *break* com um *graffiti* no fundo, com um bonequinho foi feito pelo grafiteiro Skeme. Eu comecei a copiar isso feito louco. Depois conseguimos uma foto da capa do filme *Wild Style*, lançado em 1982. Não tínhamos técnica desenvolvida, então copiávamos. Depois dessas fotos, veio o filme *Beat Street*, que era considerado um divisor de águas dentro da cultura HIP HOP. Falamos que o HIP HOP começou no Brasil depois que o filme chegou por aqui em 1983. Nele tinha um personagem chamado Ramo, que na realidade ele não era grafiteiro. Quem fez esses *graffitis* também não era grafiteiro, porque os grafitei-

ros ficaram com medo de fazer *graffiti* no filme - eles achavam que a polícia ia pegá-los se aparecessem na televisão. No fundo, era um pouco de birra dos caras: eles não queriam fazer e pronto. Até então, as únicas referências que gente tinha eram essas. Depois lançaram umas capas de disco com *graffiti*.

A primeira foi essa capa do Jellybean Wotupski. Ele era um produtor musical, inclusive namorou com a Madonna, e a capa do disco foi feita pelo Seen e pelo Duster. Essa capa de disco foi a base do início da cena do *graffiti* em Belo Horizonte - quem estava fazendo por aqui pegava essa capa para ter referência. Olhávamos com uma lupa para ver os detalhes do desenho, isso em 1985. Depois chegou o disco de uma banda heavy metal chamada *Twisted Sisters*, que tinha um *graffiti* feito pelo grafiteiro Vulcan.

Em 1985 tivemos a audácia de fazer um *graffiti* realmente no muro. Até em 1984, só fazíamos nas camisas, nas fitas, no papel. Naquele ano, fomos na pista de skate do Anchieta, que era um lugar bem escondido e não tinha polícia por perto (É bom lembrar que estávamos nos últimos anos da ditadura militar, então era muito perigoso). Antes de fazermos, na mesma região, apareceu um outro *graffiti*. Quem fez foi, provavelmente, algum gringo que passou por aqui e não chegamos a conhecer. Então nos empolgamos e fizemos o nosso no Anchieta. Durante esse período, começamos a praticar muito *graffiti*. Apareceu, nesse momento, um cara que eu considero o primeiro grafiteiro de Belo Horizonte. Eu falo que fiz lá no bowl, mas eu era mais b.boy (dançarino de break) do que grafiteiro mesmo. Eu fazia *graffiti* eventualmente, mas meu foco principal era dançar. Surgiu esse cara cujo o foco era realmente o *graffiti* - é o Ângelo. Ele morava no bairro Carlos Prates, que foi um dos primeiros pólos do *graffiti* de BH. Talvez porque tinha a linha de trem e todo mundo invadia os trilhos para pintar. Tinha muito muro de fábrica lá no bairro, um monte de galpão.

O Ângelo era um dos moradores do Carlos Prates e ele era pichador, inclusive um dos maiores pichadores de pincel atômico de Belo Horizonte na época. Um vizinho nosso o levou até a minha casa. O cara baixou lá às 8h da manhã e ficou olhando meus quadros - eu pintava muitas telas de *graffiti*. A gente começou a ter uma relação de amizade - ele passou a frequentar a minha casa todos os dias e eu ia para casa dele também. Ele tinha um privilégio, era complicado conseguir uma bolsa de estudos de arte na época, ele conseguiu uma bolsa de pintura com o auxílio da mãe dele e estudou muito. Ele se dedicou muito ao *graffiti*. Se eu o encontrava, estava fedendo tinta, estava sempre sujo de tinta, às vezes estava tirando meleca colorida de tinta do nariz, tudo nele era tinta, o tempo inteiro ele estava pintando. Você já assistiu aquele filme *Style Wars*? Se você assistir, entenderá. O Ângelo era igual a um personagem do filme que ficava o dia inteiro pintando. No filme, o cara é o Lee. Tive a honra de conhecê-lo em Nova York.

Éramos pesquisadores. Não tinha internet, então tínhamos que viver nas livrarias. Procurávamos um livro feito louco, e as pessoas na livraria falavam: “você têm que chegar antes dos caras das agências de publicidade. Eles que compram tudo antes de vocês!”. Eles tinham dinheiro e compravam, nós não tínhamos. Era muito difícil pagar por esses livros, eles eram importados. O Ângelo achou um livro que tinha um *graffiti* do Lee e copiou até não poder mais. Nessa época, copiávamos mesmo, nós tínhamos o nosso estilo.

Como tínhamos muito medo de pintar no centro, e muita vontade, o Ângelo teve a ideia dos tapumes. Ficavam uns tapumes de madeira na rua para tapar buraco, ou em muro de obra, e a gente os arrancava. Ele fazia os *graffitis* nos tapumes e a gente carregava na cabeça, a pé, do Carlos Prates até o Palácio das Artes. Chegando lá, acorrentávamos os painéis nas grades do Parque Municipal. Isso era no início de 1988. Com o tempo as pessoas

iam arrancando, querendo levar pra casa os pedaços do *graffiti*. Tinha uma caveira que o pessoal do Heavy Metal da época gostou, arrancou e levou. Depois disso começamos a fazer muitos painéis. Também pintávamos camisetas e jaquetas características do HIP HOP. À essa altura, já estávamos desenvolvendo o nosso próprio estilo de *graffiti*, íamos aperfeiçoando.

Antes de levar os tapumes para o centro, fazíamos *graffiti* na linha do metrô. Em 1986, eu e o Ângelo fizemos um *graffiti* que, infelizmente, me falaram que um desavisado, que não sabia da história, foi lá e apagou - meteu tinta por cima pra fazer um outro. Se eu fosse registrar no *Guinness*, acho que esse seria o *graffiti* mais antigo do mundo: ele ficou intacto de 1986 até 2017. Tinha uma outra coisa que era muito interessante. Quando a gente via os *graffitis* nos livros, nos vídeos, nas revistas, ele estava todo pichado por cima. Quando você faz um *graffiti*, ele fica limpo. Lá nos Estados Unidos, outras pessoas chegavam depois e faziam pichações em cima do *graffiti*, atropelavam. Mas as pichações ficavam tão legais que a gente achava que elas faziam parte do *graffiti* original. Então a gente ficava pichando em cima do nosso próprio *graffiti* depois de pronto - para dar essa sensação de coisa suja, de rua.

Depois entramos nos anos 1990, com uma nova rapaziada chegando. Inclusive um deles está sentado ali, que é o nosso amigo Binho Barreto. Em 1990, começamos a criar as equipes de *graffiti*. Eu tinha minha, o Binho tinha a dele - que era a Jetz (Binho Barreto, Homaley e MTS). Ele tinha uma relação muito grande com um cara que era do meu grupo de *graffiti*: o Serginho. Tivemos uma equipe que se chamava Artgraffiti. Foi nessa década que o grafite foi mais reconhecido comercialmente em Belo Horizonte. Os donos de lojas dos bairros falavam: “Você não pinta minha loja não?”. - Nós respondíamos: “eu não tenho dinheiro, então compra 30 latas de tinta para gente, ou dá o valor correspondente, que a gente está satisfeito.”. Éramos novos e

muito sem dinheiro - com o que nós conseguíamos, fazíamos outros *graffitis* nas ruas. Quem teve uma relação de comércio bem compensadora foi uma dupla que chamava *Crazy Boys*, não sei se vocês já ouviram falar dessa dupla: era o Carioca e o Godzilla. O Artgraffiti era composto por três: eu (Roger Dee), DMC e o Serginho. Mas não ganhávamos dinheiro assim: “Ah! Vou ficar rico!”, a gente só conseguia comprar tinta e usar na rua. E tinha o grupo do Binho, o Jetz, com o falecido Homaley e o MTS. Era um grupo que fazia muito *graffiti* nas ruas, assim como nós. Foi o boom do *graffiti* em Belo Horizonte.

Desde os anos 1980, eu já tinha uma relação com São Paulo, eu conhecia Os Gêmeos. Nos anos 1990, apareceu em São Paulo um cara chamado Twist (Barry MacGee), que era “o cara” na cena do *graffiti* internacional. Ele chegou nos Gêmeos por meio de um grafite que tinha visto. Desde então, o Twist passou a ensinar muitas técnicas para eles, e Os Gêmeos ensinaram para todos os outros grafiteiros.

Nós fizemos um *graffiti* com Os Gêmeos na Avenida dos Andradas, em 1995, no Festival Grafitando BH. Depois que eu parei de grafitar, fui ser DJ (parei em 1997). Após mais de dez anos parado, trabalhei com eles pintando aquele avião para a copa do mundo de 2014 e fizemos um *graffiti* na rua. Eu achei curioso porque eles falaram: “se você for para Europa, vai detonar lá, os caras lá não têm esse traço mais”. Depois disso, eu tive a felicidade de viajar com eles, fiz umas turnês tocando como DJ e tive a honra de conhecer a Martha Cooper - que foi a fotógrafa de toda cena inicial do *graffiti* dos Estados Unidos (ela vem registrando desde os anos 1970). Fiquei um tempão batendo papo com a senhorinha, e ela me mostrando as fotografias de *graffitis* que tirou. Até arrepio ao me lembrar: a primeira foto que vi no acervo dela, eu não sabia que era dela. Ela disse que eu podia abrir um armário na sua casa e ficar vendo as fotos guardadas. A primeira foto que eu vi, quando abri a gaveta, foi uma imagem, feita por ela, que eu vi quando eu tinha doze anos

de idade. E eu lá, revendo-a, na casa dela. Tive o privilégio de conhecê-la e depois tive oportunidade de conhecer vários grafiteiros de Nova York, que eu copiei no meu começo: o Lee, por exemplo. Então acho que é mais ou menos isso que eu queria falar, mesmo que bem resumido. Obrigado!

7. MESA 03 GRAFFITI E INTEGRAÇÃO

A última mesa contou com a mediação do artista Binho Barreto e foi composta pelo grafiteiro colombiano Chota, que irá relatar sua experiência na Comuna 13 em Medellín, e Deborah Lopes, pesquisadora do tema.



BINHO BARRETO

Fizemos um combinado, meio rápido, e, como sou um pouco anfitrião e estou fazendo a mediação desta mesa, vou ter uma fala mais curta. Vou falar pouco e quero mostrar um vídeo, logo em seguida vou passar a palavra para a Deborah. Separei alguns tópicos que queria colocar como provocações, como reflexões. A partir disso, passarei um pequeno vídeo e depois farei uma complementação, vai ser bem rápido. Anotei alguns tópicos que trazem um pouco do meu pensamento sobre o *graffiti*.

Eu faço *graffiti* desde 1995 e tenho uma relação muito forte com a rua. Procuro refletir muito sobre a cidade e gosto deste espaço de debate. O primeiro ponto é que quando a gente fala de exclusão, às vezes é interessante pensar, como no exemplo desse vídeo, que ela também pode acontecer no hipercentro - bem no miolo da cidade. Este vídeo vai mostrar mais disso que eu tenho pra falar, que tem a ver com o contato com as pessoas em situação de rua e com a precariedade. Outro aspecto é que, para mim, quando se fala



do *graffiti*, apesar de eu ter uma formação em artes plásticas e me considerar um artista visual, porque além do *graffiti* eu também faço outras coisas (pinto telas, desenho, fotografo), a perspectiva do graffiti parte de um outro lugar - não menor e nem maior, mas apenas ele permite entradas muito diferentes. E uma dessas entradas é que ele seja visto como um coletivo urbano, e eu sou fascinado pelos coletivos urbanos. Na minha vida, eu andei muitos anos de skate, circulei com os punks, com bboys e rappers e com outros coletivos, então acredito muito na potência dos coletivos urbanos. Para mim, muito mais importante do que ser arte é o fato do *graffiti* ser um coletivo urbano, porque esse tipo de coletividade é algo muito contemporâneo. É uma dinâmica muito diferente de uma tradição a partir do mito; que se apoia no que é o “melhor” ou do que é mais espetacular. O *graffiti* é horizontal, permite que todos tenham voz e que todos possam se expressar das suas melhores formas. Então mais do que ser arte, para mim, o *graffiti* é um coletivo urbano.

Sobre esse assunto de distinções entre *graffiti* e pichação, eu prefiro ampliar a discussão e falar que existem muitos tipos de *graffiti* e muitos tipos de pichação. Cabe a cada um olhar para cada expressão e entender o que agrada ou não em cada contexto e, principalmente, se perguntar os porquês. É importante então fazer uma reflexão além do “gostar ou não gostar”. No tema mais específico da pichação, eu a vejo como um índice - ela, para mim, é um índice que está apontando para alguma coisa. Por exemplo, quando você vê uma pessoa em situação de rua. Em situação de rua, não é agradável, mas ela é um índice. Ela aponta para como está a situação da sociedade brasileira. A cidade está cheia de pichações, eu as enxergo como um índice. Por que essas pessoas estão precisando se expressar tanto? É um índice que me leva a esse tipo de pergunta.

Graffiti do Binho Barreto em homenagem ao CNP, na Vila Maria, Jardim Vitória.

Tanto com o *graffiti* quanto com a pichação, no fundo, tem a ver com comunicação. E, tratando-se de comunicação, temos que perguntar como estão os acessos aos meios de comunicação tradicionais. Se eu quiser abrir uma rádio hoje, como eu consigo? Uma rádio comunitária ou uma rádio com conteúdo local, cultural? É fácil ou é difícil? Se eu quiser abrir um emissora de televisão, é fácil ou é difícil? Se eu quiser colocar um programa em um canal de televisão, é fácil ou é difícil? E a internet? Eu peguei o início da internet e ela era bem mais livre do que é hoje, atualmente a internet está praticamente dominada por dois grandes grupos, que são o grupo do Facebook e o grupo da Google. Ou seja, hoje a comunicação é uma guerra de territórios. Ela está cada vez mais nas mãos de poucos grupos que detêm o controle da comunicação. E aí de quem tentar batalhar por esses espaços. O que aconteceu com as rádios comunitárias em BH é um bom exemplo. Então quando falamos de *graffiti* e de pichação, estamos falando, no fundo, de uma luta por comunicação. Nesse sentido, para mim, interessa muito mais o que o *graffiti* e a pichação podem ser do que o que eles já são. É importante conhecer a história deles e é importante saber o que eles são, mas, por exemplo, no relato do Chota, ele está nos dizendo o que mais o *graffiti* pode ser. Quem mais cedo viu o relato sobre a experiência do Galba Veloso, ela diz também do que o *graffiti* pode ser. Quando falamos no âmbito da arte, da comunicação, das expressões, quanto mais nos perguntamos o que mais pode ser, mais rica será a discussão.

Eu queria só fazer esta última fala aqui para passar o vídeo. Eu escrevi um livro recentemente, o Perímetro Urbano, e quando eu o terminei - sem querer fazer jabá, mas já fazendo - uma visão que eu tive foi que na minha relação com o *graffiti*, ele se relaciona com a precariedade. Onde tem uma lacuna do estado ou do interesse privado, onde o estado não está cumprindo o seu papel, onde não tem interesse, onde tem invisibilidade, onde a cidade

está em ruínas, é onde o *graffiti* geralmente acontece. Então eu acho que o *graffiti* não deveria servir para tampar a precariedade. Ele serve mais para articular com a precariedade, sublinhar algo que as pessoas estão vendo e que é um termômetro de como está a sociedade. Eu vou passar o vídeo, depois faço uma amarração e passo a palavra para Deborah. (vídeo Viaduto Santa Tereza – direção Gustavo Amaral, sobre a produção de um *graffiti* coletivo no viaduto Santa Tereza, em Belo Horizonte, 2012, 5min).

Esse vídeo mostra um tipo de experiência muito comum no dia a dia dos grafiteiros, você ir pra rua e ficar lidando com uma realidade brutal de maneira muito próxima. Outro dia, eu estava conversando com um amigo e falando: “quantas pessoas têm a oportunidade de passar quatro ou cinco horas debaixo de um viaduto? Por exemplo, na Lagoinha?” Os grafiteiros fazem isso direto, então o *graffiti* também é um forma de conhecimento. Mais cedo, falei do meu interesse pela cidade e de como ele aumentou a partir da minha relação com o *graffiti*. Grafitar nos espaços urbanos é uma forma de conhecimento sobre a cidade. É um intercâmbio muito intenso. E as trocas desses dias, que aparecem no vídeo, foram intensas também. Sempre que eu vou grafitar, sempre que eu reflito sobre o *graffiti*, eu fico pensando que no fundo, para mim, o mais importante são as trocas. É estar em contato com as pessoas, entender o que está acontecendo ali, impactar de alguma forma a vida delas. Eu acabo, aqui, falando a partir de dois lugares: como grafiteiro e como um dos organizadores do Seminário. Acho que cada vez mais é importante a gente refletir sobre o *graffiti* e sobre os coletivos urbanos, discutir essas dinâmicas das ruas e conversar bastante. Acontece que tem facilitadores também, alguns atalhos um pouco perigosos. Às vezes, acho que a gente pode estar caindo em período de espetacularização do *graffiti* também. É importante que sejam feitos grandes painéis, é interessante que existam *graffitis* muito grandes, é importante que existam grafiteiros muito famosos,

é importante que as pessoas vejam *graffitis* muito bonitos, mas o *graffiti* é muito mais do que isso. E a gente pode estar caindo em uma lógica um pouco utilitarista: de achar que o *graffiti* serve só pra embelezar, serve para ver quem vai entrar para o *Guinness Book*, para ver quem faz o *graffiti* maior, para ver quem é o grafiteiro mais destacado. Isso são efeitos colaterais, mas que podem fazer bastante mal também. Não se pode esquecer que o *graffiti*, acima de tudo, é uma coletividade urbana - e este coletivo urbano tem força justamente pela horizontalidade, por ser não hierárquico, e, principalmente, por ser um coletivo. Acho que é isso que eu queria de dizer aqui. Obrigado!



CHOTA – COMUNA 13 - MEDELLÍN

Boa Tarde! Meu nome artístico é Chota. Gostaria de falar um pouco sobre a minha história, a minha terra e as minhas raízes. Sou muito orgulhoso do tema e gostaria de agradecer à Fernanda do Projeto Providência por ter me convidado a participar. Quero dizer que a Colômbia não é só a terra do Pablo Escobar. A Comuna 13, a comunidade onde vivo em Medellín, mudou muito o seu poder de transformação, e essa mudança foi ligada ao tema da arte. A Comuna 13 é composta por 25 bairros. Ela passou por uma triste história com o comando do narcotráfico. A nossa expectativa, quando éramos crianças, era espelhada em guerrilheiros e armas. Então, por exemplo, a partir da imagem de um guerrilheiro passando, com uma pessoa na frente e com uma arma na mão apontando na nuca dessa pessoa, sabíamos que entre cinco ou dez minutos essa pessoa seria executada. Esse tipo de coisa cresceu nas nossas mentes quando éramos crianças, pelo fato de vivermos na comuna mais perigosa do mundo a Comuna 13 (comuna na Colômbia tem significado semelhante a comunidade no Brasil).





A nossa região se tratava de uma área estratégica, um caminho por onde escoavam as drogas até o mar. Era um ponto de interesse tanto para estrangeiros como para militares. Em 2002, começou uma operação chamada *Operação Marshall*, não foi uma operação como as outras que se deram em base socializada, não foi compartilhada com o grande público. Foi uma operação que durou um dia, e o objetivo era tirar a guerrilha de lá. Mas ela não foi bem sucedida, então, em 16 de outubro do mesmo ano de 2002, fizeram uma segunda operação, chamada *Operação Orion*. Foi a maior operação feita até hoje em uma zona urbana na Colômbia. Iniciada às três da manhã, no dia seguinte, após o sol raiar víamos os guerrilheiros atirando dos pontos estratégicos. Estavam abrindo fogo, mas não sabíamos para onde ou para quem. Nesse dia, crianças, como eu, não podiam sair para estudar. As lojas não abriram, nada funcionou. A operação no primeiro dia foi mal sucedida, mas ela continuou

no segundo e o estado mandou dois helicópteros e assim começou uma ação que desencadeou mais de 200 mortes. No terceiro dia, continuou e nós, sem entendermos nada, sentíamos como presos em uma caixa de fósforo. Foi uma operação muito questionada, porque era parcialmente paramilitar. No final, eles conseguiram expulsar a guerrilha, mas com o apoio paramilitar. Depois que essa guerra terminou, o governo ficou novamente à mercê dos paramilitares.

De 2002 a 2004 se iniciou uma nova fase, que foi uma tentativa do governo de tirar o poder concentrado na mãos dos paramilitares. Em 2004, quando terminou essa nova operação, e as pessoas começaram a retomar o controle de suas vidas, o comando passou dos paramilitares para os microtraficantes - ou seja, pequenos bandos. Então nesses 25 bairros, que compõem a Comuna 13, o combate se tornou mais próximo da vida civil - já que não se conheciam as novas fronteiras que você não poderia cruzar, que estavam ocupadas pelos microtraficantes. Em 2012, foi inaugurado um projeto no meu bairro, sou muito sortudo de estar nesse contexto. Foram as escadas rolantes a céu aberto, e elas atraíram turistas. O que aconteceu foi um acordo entre os chefes do microtráfico e os investidores, para que um não atrapalhasse o negócio do outro. Isso trouxe uma paz relativamente estável. Essa é a história da minha Comuna, da Comuna 13 - de como ocorreu essa transformação desde a violência aberta até esse pacto de respeito.

Agora vou contar um pouco da minha história pessoal. Em 2008, eu tive o meu primeiro contato com a arte. Naquele ano, eu e mais um grupo de amigos decidimos fazer arte natalina na Comuna. Começamos algo muito simples, somente com pincel e tinta acrílica. Demoramos muito tempo para fazer uma pequena obra natalina, mas com o tempo isso foi se tornando uma tradição. Depois de um tempo, a vizinhança, os moradores das casas, começaram a nos procurar para que nós fizéssemos as artes nas laterais das suas casas e



*DMS pintando no festival
do Projeto providência,
Fazendinha, Serra.*

nos muros. Então continuamos de 2008 a 2012. Como eu comentei com vocês, 2012 foi o ano em que inauguraram as escadas rolantes e, conseqüentemente, ocorreu um projeto chamado Grafitour. A ideia foi manter alguns muros que já tinham trabalhos nossos, de maneira a ressaltar o conteúdo históricos desses muros, e criar pinturas novas, deixando espaços também para outros artistas - entendendo que a arte tem essa concepção acolhedora, de estar aberta a todos. Nós não queremos transferir para os muros a história passada que contei para vocês. Não nos interessa contar a história de sangue e de armas, preferimos projetar o futuro. Então isso é o que temos feito com os murais artísticos. E se quiserem ir deixar o seu *graffiti* lá também, com certeza vamos deixar um pedacinho reservado para cada um de vocês. Essa é basicamente a minha história.



DEBORAH LOPES

Eu fico muito feliz de poder participar de um evento como esse, principalmente em Belo Horizonte. Atualmente eu moro em São Paulo, mas sou daqui, sou pesquisadora e professora. No meu mestrado e no meu doutorado, pesquisei arte urbana. Eu evito falar sobre pichação, quando eu sou convidada para eventos de *graffiti*, porque geralmente eu sou aquela pessoa que toca fogo no debate - que polemiza. Adorei, porque praticamente todo mundo aqui falou muito de pichação. Como pesquisadora, enfrentei algumas dificuldades por abordar a pichação e o *graffiti*. Tenho muito problema com dualidades, eu venho do campo da semiótica e penso em tudo em termos de tríades - dualidades me incomodam muito.

Colocar o *graffiti* de um lado (do belo, bonito, colorido) e a pichação como bicho-papão (porque eu não consigo ler, porque é monocromático) não

acho que seja nem muito inteligente, nem muito produtivo. Eu achei fenomenal conhecer o Projeto Providência, conhecer um pouco mais sobre o que foi a pintura no Galba Veloso. A partir do tema do Seminário, *graffiti* e inclusão social, eu fiquei refletindo sobre essa palavra “inclusão”. Tem um aspecto dela que me incomoda um pouco, porque quando falamos em inclusão pode dar a entender que estamos fazendo um favor para a pessoa. Eu estou aqui, estou dentro de um circuito, de uma sociedade e vou fazer um favor para aquele coitadinho ali que está fora: eu vou deixá-lo participar. E na verdade, como a gente pode ver no depoimento do Helder e no Projeto Providência, e é um pouco do que eu quero falar a respeito da pichação também, quem perde é quem exclui. As pessoas têm experiências de vida diferentes das nossas, elas têm muito a nos ensinar. Esses rótulos - é louco, é favelado, é bandido - não levam ninguém a lugar nenhum. Estamos vivendo um período de muito rótulo e pouco diálogo. Então acho louváveis essas iniciativas, como é o caso do Projeto Providência, e de outras, como de terem pintado no Galba Velloso. Isso em tudo que favoreça o diálogo e o entendimento, e no mínimo o respeito ao próximo.

Eu trouxe algumas imagens para falar sobre termo *graffiti*, que vem do italiano *grafito*. Ele significa justamente esse ato de pegar o canivete, ir lá na árvore ou na pedra e arranhar - fazer um risco e machucar uma superfície. Esse é o graffiti original, que me levou até o tema de pesquisa do meu pós-doutorado, que são as tatuagens. Eu vejo uma estreita relação entre o *graffiti* a tatuagem. Na década de 1950, no período pós-segunda guerra mundial, existiam muitos andarilhos nos Estados Unidos que viajavam o país nos trens de carga. Eles marcavam os vagões com giz. O *graffiti* tem essa tradição de pintar nos trens, um dos mais famosos desse período foi o Bozo Texino. Depois vieram as gangues de Los Angeles. Quando falamos de *graffiti*, geralmente, pensamos na cena de Nova Iorque, mas Los Angeles tem uma

história muito interessante - e é uma estética que me agrada profundamente, porque é centrada nas letras. O mesmo *graffiti* que é feito na parede, com essa estética própria, transpassa para as tatuagens. Tem uma relação da ideia da demarcação territorial: do corpo e da cidade. A cidade como um corpo a ser demarcado. Acho que também tem muito a ver com a cena da pichação em São Paulo.

O Binho falou um pouco sobre a sociabilidade dos grupos, e os grupos de pichação são como famílias: você tem uma família na rua, uma galera que você conhece. O Chota falou de uma realidade que é muito triste, pois ela é muito comum nas periferias da América Latina. A realidade que ele descreveu da Comuna 13, em Medellín, é a mesma de muitas favelas no Brasil: os meninos morrem muito jovens. Se eles fazem parte de um grupo de pichação, eles serão lembrados pelo resto da vida. Antes do juízo valorativo (se é certo ou errado, se é bonito ou feio, se é crime ou se não é, se eu consigo entender ou não, se me agrada ou não), a gente tem que tentar entender essas manifestações além da estética. Como dizia o Raul Seixas, “quem não tem papel dá o recado pelo muro”. Tem uma galera que não tem como se expressar, há pessoas que talvez não tenham muitas perspectivas na vida. Elas vão lá e escalam os prédios, fazem pichação no último andar. Desculpa, mas eu acho genial: graficamente, esteticamente, existencialmente.

Um cara também muito importante na história do *graffiti* dos Estados Unidos é o Cornbread. É um cara da Filadélfia, que começou a pichar tudo. Era afim de uma colega de escola, e a menina nem olhava pra cara dele. Aí ele começou a escrever o nome dele na carteira da escola, na sala onde a menina estudava, no corredor onde ela passava e nada de a menina dar atenção para ele. Ele descobriu a rota do ônibus que ela fazia para ir para casa e começou a pichar tudo no caminho. O cara começou a pichar o nome dele, porque ele queria conquistar a menina. E conquistou, começaram a namorar.

E ela começou a pintar também. Depois eles terminaram e rolou uma competição entre os dois.

Chamamos tudo de *graffiti*, mas, de acordo com o senso comum, no Brasil essa distinção entre *graffiti* e pichação. Nos anos 1970, as pessoas começaram a pintar o interior do trem urbanos, dos metrô, porque melhor do que pintar uma parede que é fixa, é pintar um trem que vai para a cidade inteira. Quer dizer, eu moro no Bronx, eu moro na periferia, mas esse trem vai para Manhattan, e o meu nome vai nele. Começaram a fazer os nomes nos interiores dos trens, que ficaram completamente saturados. Para chamar a atenção, para se destacar, eles começaram colocar alguns diferenciais: uma estrela, uma coroa, alguns símbolos gráficos, letras mais espessas, cores. Os trens começaram a ser pintados, de estruturas simples, a cada vez mais elaboradas. Nesse momento, entra a relação do *graffiti* com o movimento HIP HOP. Naquela época, o HIP HOP uniu a galera: tinha muita briga de gangue, a cidade estava tomada por uma epidemia de crack, tinha muita pobreza, muita miséria. O movimento HIP HOP surgiu como uma alternativa construtiva dos jovens da periferia. Acho muito importante o que foi falado aqui de manhã, sobre o quinto elemento: que é o conhecimento (foi Negro F. que falou, dos quatro elementos: mc, dj, *graffiti*, *break* e o conhecimento, que abarca todos). Levar o conhecimento para a periferia é essencial, seja ele sob a forma de *graffiti*, do rap ou da dança. Vejo na academia que muitos pesquisadores que abordam assuntos que vêm da periferia vão lá na favela, estudam e voltam para a academia; fazem uma dissertação, uma tese, mas não se preocupam em levar o conhecimento de volta para a periferia.

Depois o *graffiti* deu origem ao termo mais amplo que é a arte urbana, foram surgindo outras formas que não só a utilização do spray, por exemplo, o stick (adesivo) que é muito comum na Europa. Começaram a fazer outros tipos de intervenção, como pegar prédio e fazer pinturas gigantes na lateral.

O Obey (Shepard Fairey) é um cara que ficou famoso, que veio do design gráfico e falou “pô, quero fazer um trabalho na rua”. Muitos artistas de rua falam da questão do vício, do prazer e da adrenalina. Esse vídeo que o Binho passou demonstra muito bem o que é o processo de estar na rua, porque mais importante do que o resultado final, é o tempo que a pessoa passa ali interagindo. Vai vir mendigo, morador, polícia, vai vir de tudo e você tem que desembolar com a galera ali. É uma pintura coletiva nesse sentido também, não só no sentido de que as pessoas pintam juntas.

Nisso, eu gostaria de ressaltar que a sociabilidade da pichação é muito forte também. Os pichadores geralmente se reúnem semanalmente. Aqui em BH tem a Reú, é um termo que veio do Rio de Janeiro (abreviatura para reunião). O Binho Ribeiro, de São Paulo, tem uma fala que eu queria citar, ele é um grafiteiro das antigas e falou uma coisa a respeito da pichação que eu achei muito legal. Toda vez que ele chega em alguma cidade, de carro ou de ônibus, e ele não vê nenhuma pichação, ele acha meio estranho. Pergunta: “Espera aí! Está tudo certo? Não tem inconformismo nenhum, não tem problema nenhum? Está todo mundo satisfeito com a vida, não tem que protestar com nada?” O *graffiti*, a pichação, a arte urbana são sinais de inconformismo. Vivemos na América Latina, olha o Brasil! O que não falta é problema para resolver. Existe esse aspecto positivo também na arte de rua (independente delas serem coloridas, serem monocromáticas, de elas te agradarem ou não), que é ocupar um espaço que é de todos. Perdemos muito isso, não só de poder se expressar, mas também de se sentir no direito de participar da cidade. Quem for fazer pesquisa e quem for fazer fotos, não vá fotografar só o painel final. Acompanha o processo ou você não vai saber nada da história deles. Você precisa chegar de manhã, quando eles vão preparar o muro, aí você vai aprender como que cada artista segura no spray e como que cada um tem uma técnica. Com esses meninos de BH, que apareceram aqui no



Dalata no festival do Projeto Providência, Fazendinha, Serra

vídeo, você não para de rir um minuto - é impressionante, é uma vibração positiva enquanto eles estão pintando. Então depois que você acompanhar o *graffiti* desde o início, você vai ter uma visão completamente diferente do que se você vir só no final. Uma outra experiência que tive em São Paulo, a respeito da pichação, é um pouco sobre a estética na cidade. Uma vez, eu estava na Lapa, perto da estação do trem. Era noite e estava bem deserto. Eu estava voltando do “point” de osasco e não tinha mais ninguém na rua. As portas dos comércios estavam fechadas e eu comecei a ler os nomes da galera que tinha pichado por lá. Comecei a reconhecer um monte de gente que eu conhecia. Era um monte de pichador que tinha passado por ali, então eu não me sentia sozinha mais. Eu estava sozinha naquela rua, mas metaforicamente não estava - eu me senti acompanhada pelos nomes dos amigos. Essa questão da sociabilidade acaba envolvendo quem se aproxima da arte urbana.

Sobre estética da pichação, vou falar, sinceramente, acho linda. É incrível como uma letra encaixa na outra. Eu tenho para mim que a pichação tem muito a ver com a geografia da cidade. São Paulo é extremamente verticalizada e individualista, eles chamam o picho de São Paulo de picho reto. Você vê que parece com o prédio (as letras são verticalizadas), então o pichador olha para o prédio como um caderno de caligrafia em branco. Ele vai olhar e pensar onde a pichação dele vai encaixar direitinho, e ainda vai deixar espaço pra outro cara vir e encaixar outro picho. No Rio de Janeiro, é a tal da emboleira. É completamente diferente dos outros estados, tem a ver com aquela mistura louca que é o Rio de Janeiro. O picho de BH tem suas peculiaridades também, que eu acho que tem a ver com o entorno das montanhas, viagem e licença poética minha. Mas existem diferenças regionais.

O picho de Fortaleza, quando conheci, fiquei encantada, era uma coisa que nunca tinha visto igual. Você percebe que toda cidade tem. Se pres-

tar atenção nisso, você vai vivenciar a cidade de uma forma completamente diferente. Esse tipo de manifestação estética muda o olhar da gente. Nunca mais consegui olhar para uma cidade sem prestar atenção no que está escrito nos muros, nas paredes, nos anúncios. Até em filmes, videoclipes, seu olhar fica treinado para aquilo. Estou em um evento teoricamente de *graffiti*, mas todo mundo falou de pichação, então mexeram nas minhas gavetas. O que incomoda muito na pichação, além dela ser feita por um cara que provavelmente mora na favela, é que muita gente não quer ouvir o que ele tem a dizer. Porque para muita gente ele é um bandido, é o inimigo. Eu vi isso durante o meu doutorado, disseram: “é por causa dessas pessoas com quem você está andando que a gente não pode sair na rua.”. Para mim é preconceito. E preconceito dentro da academia, por exemplo. Tem um termo que eu escutei recentemente: vocalizar. Quem é calado, quem é excluído, quem é pisoteado tem muito a dizer. A gente deve vocalizar essas pessoas, e dar voz ao que elas têm para dizer – dar espaço para que elas mesmas digam. Uma pessoa que está internada no hospital psiquiátrico não é só um louco. É muito fácil rotular, mas se for trocar ideias, você pode aprender muito com essa pessoa. Você vai ver o ser humano ali.

Uma coisa que me incomoda é que criticam que o código da pichação é difícil de ler. A publicidade treinou o nosso olhar pra compreender as coisas com muita clareza. Quem estuda publicidade sabe disso, uma mensagem tem que ser o mais óbvia, mesmo que ela seja subliminar. Então eu acho que muitas pessoas são contra por não saberem ler a pichação, porque ela não é feita para ser lida por todos. As críticas que eu sempre escuto são: “Ah! Mas é um rabisco ilegível!”. Não, meu querido, é ilegível para você! Você que não sabe ler o que está escrito na rua, na mesma cidade onde você mora. Não vamos falar quem está certo e quem que está errado, porque é óbvio que quem está “errado” é aquele que foi lá e pichou de forma ilegal. Por que o outro tem que

parar de falar gíria para vir falar comigo? Por que eu não vou lá entender a gíria que ele está falando?

O Binho falou mais cedo do cartesianismo. O conhecimento cartesiano tomou a primazia na nossa sociedade. O “ilegível” incomoda muita gente. E tem pouca gente disposta a aprender a lê-las. Eu mesmo, quando comecei a pesquisar pichações, não sabia ler nada. Inclusive o cara que me ensinou a ler várias pichações em São Paulo é analfabeto. Ele só sabe ler pichação. O cara era analfabeto e me ajudou a ler várias palavras que, para mim, eram completamente ilegíveis. Fica o questionamento: por que o meu conhecimento vale mais que o dele? “Ah! Por causa dessas pessoas não podemos sair, não podemos andar na rua!”. Aquela frase dita na academia volta sempre ao meu pensamento. Acho muito bacana que a pichação seja reconhecida como manifestação estética, legítima. Não acho que o gueto tem que pedir permissão para ninguém para existir, muito menos para se expressar. Não tem que engolir, não tem que aparar arestas - é um grito existencial. Se você não consegue entender, pelo menos respeite. Aquilo ali é daquela forma porque é uma cultura - e olha quantas pessoas estão envolvidas.

Acho que esse conhecimento é muito importante, mesmo porque até hoje tem muito pichador morrendo na mão de polícia e na mão de morador. A incompreensão pode chegar às raias do absurdo e acabar com a vida de uma pessoa. O pessoal que comenta na internet, eu tenho medo de saber onde é que esse povo mora, porque eles estão entre nós. Você lê os comentários e você fala: “Meu Deus! Olha essas pessoas!”. “É vagabundo! Tem que matar mesmo!”, daí para baixo. Então é o que eu falei antes, é mais fácil rotular que procurar entender aquilo que é diferente de você.

Teve uma exposição que foi uma mistura entre o *shodô*, que é uma arte caligráfica japonesa milenar, e a pichação de São Paulo. Foi uma exposição

na Casa das Rosas, que é um espaço super tradicional na Avenida Paulista. Achei interessante, porque o *shodô* é monocromático, você só pode fazer com tinta preta. Entende? Como que ser monocromático, só com uma cor, pode ser um critério estético positivo? O pessoal do *shodô* pirou com a caligrafia dopessoal da pichação. Muitas vezes, a crítica que é feita em relação à pichação é que ela não é colorida. As pessoas precisam rever os seus conceitos do que é arte, do que se pensa que é arte. É melhor não tentar encerrar o assunto. Impressionante, mas eu acho que eu consegui falar tudo que eu queria. Espero ter conseguido jogar um pouco mais de lenha nessa fogueira, dessa polêmica. Estamos abertos para perguntas, muito obrigada.

8 DEBATE FINAL

O debate final foi extremamente rico e reflexivo, e mostrou a riqueza de um evento como esse para a compreensão dos novos rumos da arte na sociedade.

BINHO BARRETO:

Aproveitarei que estou aqui do lado da Deborah e colocarei um contraponto. Tenho um olhar muito ambivalente para a pichação e converso muito com a Deborah. Por um lado, tem esse aspecto positivo: eu considero a qualidade estética e a importância do picho. Mas como pessoa que circula muito pela periferia dando oficinas, vou lembrar uma fala da Fernanda no início de hoje: ela disse que o Brasil tem números absurdos de violência contra a juventude. Se muita gente olha para a pichação a partir da parede - se vai sujar ou não, se pode ou não pode - eu tento olhar a partir desses números da vulnerabilidade social, da violência urbana com o jovem. E aí me pergunto em que medida a pichação acaba gerando mais um ponto de contato do jovem com a violência urbana. Sabemos de relatos de conhecidos que caíram de prédio, que foram presos, que tomaram tiro. Para um jovem que eu der oficina, eu nunca falarei para ele fazer pichação. No entanto, eu nunca falo para ele parar de fazer - se ele falar que faz, eu irei respeitá-lo. Mas não quero ter esse carma de ter contribuído, mesmo que bem indiretamente, para ele ter sido vítima de uma violência.

Eu faço essa leitura. Isso não quer dizer que eu esteja a favor

ou contra, nem que eu goste ou não goste - são leituras. Então, se por um lado eu entendo que tem uma disputa que é por comunicação, por território, e que eles têm direito, por outro eu fico vendo a pichação como mais um ponto de contato com a violência urbana - assim como tráfico, assim como o roubo, dentre outros. Deveria ser assim? Eu acho que não. Acho que eles deveriam ser mais ouvidos, mais respeitados. Mas pensando de uma forma mais pragmática, me dói pensar o tanto que atrasa a vida de um jovem ele cair de um prédio ou ser preso e responder processo, por exemplo. Mas acho que é só para colocar mais um “mas”, um “porém”, na discussão. Abrir uma outra perspectiva.

DEBORAH LOPES:

Procede totalmente, tanto é que o próprio Goma fala que não quer que o filho dele seja pichador, que já atrasou a vida dele demais. E quem é de BH aqui sabe a trajetória do Goma. Ele mesmo faz o projeto Grapixação Social que é muito bacana. Mas a pichação tem esse componente que é meio autodestrutivo mesmo, né? Eu não digo na relação com o crime, mas ela é uma atividade de risco. O cara pode cair do alto do prédio, pode acontecer um monte de coisas. E acontece um tanto de coisa: vai ser preso, vai assinar o processo. Nesse sentido, eu concordo com você completamente.

PERGUNTA DO PÚBLICO:

Boa tarde, gente. Primeiro quero falar tanto da importância de fazer essa discussão em relação ao *graffiti* e em relação à pichação. Pensando nessa questão de inclusão, também compartilho um pouco do incômodo: fica parecendo que é o favor: “eu tenho que incluir,

eu reconheço que ele não tem um lugar”. É uma questão que parece sutil, mas que faz toda a diferença. Lembro muito, de forma indireta, de uma discussão. Alguém dizia que “a sociedade não sei o que da pichação” e a pessoa respondeu “olha, quer dizer que o pichador não é sociedade?”. É um exemplo sutil de quando a gente fala dessa questão da inclusão. Eu não reconheço o que está dentro, aí tenho que fazer todo um movimento para me esforçar e reconhecer. Isso é uma coisa importante pra pensar, e aí eu articulo um pouco com a fala que o Binho teve, que é de pensar o que o *graffiti* ou a pichação podem ser - e o que podem ser além do padrão que já existe. Não pensando na questão da qualidade, dos atributos técnicos no *graffiti* ou na pichação - mas primeiro pensar o que eu quero quando digo que a pichação ou o *graffiti* têm que ser arte ou é arte. Ela precisa ser isso para ser reconhecida? Esse é o lugar? Então se é arte, ela pode tudo porque é arte? Eu preciso reconhecer que é a arte? Eu preciso ser artista para ser reconhecido e ser respeitado em atividade?

E aí vem a importância de pensar em discussões que levem em conta esses elementos que estão para além do gráfico, além do grafado, que fazem mais sentido para quem pinta - seja pichação ou seja um *graffiti*. É preciso escutar mais qual é a importância dessa organização por coletivos, quais são os valores que estão colocados ali - que são muito diferentes de um valor de um grupo de artistas que pintam e que estão em galerias. Quais são esses outros parâmetros?

Talvez essa discussão seja importante quando estamos falando de inclusão. Talvez importasse mais estimular reflexões que possibilitassem uma discussão por aquilo que não está dado ainda, por aquilo que faz sentido para essas pessoas que praticam. Para além do belo e o feio, quais são as questões importantes?

Queria que vocês pudessem falar um pouco mais sobre essas possibilidades do que pode ser o *graffiti*, do que pode ser a pichação - que estão para além da questão do grafado. Curiosamente, defendi minha dissertação agora, sexta-feira passada, sobre pichação em BH e um capítulo é exatamente isso: as imagens como indícios da dinâmica social. A gente tem o hábito de separar as coisas, assim como fazemos com a arte, colocamos a arte em um pedestal e fica todo mundo querendo falar que é artista. Mas eu acho que é mais por uma outra questão, pelo lugar valorativo onde está a arte. Não me parece legal, porque vamos ficar em um jogo de empate de 0 a 0, 1 a 1. Se for assim, eu vou sempre chegar em um lugar padrão sobre o que eu estou questionando. Será que essa é a questão?

BINHO BARRETO:

Vou responder rapidamente o que eu acho. Gostei muito da sua colocação. Eu tenho muito interesse na sopa de letras (modalidade coletiva de *graffiti*) e no grapixo. Eu acho que a sopa de letras permite muitas leituras. Eu até penso em escrever algo sobre ela, a sopa aponta muito para onde a coisa está indo, para onde pode ir, para onde tem uma potência. Um dos maiores motores do *graffiti* e da pichação é o tédio urbano. Fico pensando naquilo que mudou na cidade nos últimos 20 anos: a cidade tinha vários lugares para prática de esporte que já não existem mais, a gente tinha vários lugares de encontro, de festas nas ruas, que não existem mais. Eu sou amigo dos caras que fazem o Duelo de MC's. Eu acompanho e vejo a batalha que é. Eles lutam contra quase todas as autoridades para que aconteça um evento gratuito na rua para a periferia. A gente está entrando em uma lógica de que a cidade é feita para trabalhar, para ir à academia fazer ginástica, para ir para o shopping,

para ir à escola, para voltar do trabalho e não usar a cidade. Isso gera um um tédio insuportável na juventude. Então eu acho que o motor da pichação e do *graffiti* é o tédio. Um lugar de sociabilidade, de encontro, que é democrático e aberto para lutar contra esse tédio é a sopa de letras. A sopa de letras é uma solução que a própria periferia está encontrando para enfrentar o problema da violência contra o pichador - Belo Horizonte viveu problemas muito sérios de repressão desproporcional. A cena da sopa de letras aqui cresceu muito. Ela tem uma coisa de auto-organização: eles mesmos organizam, não tem hierarquia. Cada um faz a sua letra onde quiser, do tamanho que couber, junto com os outros. Tem uma integração muito interessante. É quase uma colônia, você vê uma colônia, daquelas que se estuda na biologia, que vai se ajudando e vai crescendo junta. A sopa de letras é tipo isso. Para mim, o que tem de mais forte no *graffiti* é a sopa de letras. E a outra coisa é um produto nacional, que eu acho que se derem atenção para ele, ele vai dar muito o que falar. é o grapixo. Porque o tipo de caligrafia que existe no grapixo não existe em nenhum outro lugar. É um outro tipo de solução autogerida, que os pichadores estão encontrando para a demanda da violência que estão sofrendo. O grapixo para quem não sabe é o híbrido, entre a pichação e o *graffiti*. Eu vejo com muito bons olhos esses dois movimentos, principalmente a sopa de letras, pelo caráter democrático e aberto que ELA tem.

DEBORAH LOPES:

Eu vou só complementar sobre onde a gente pode chegar com o *graffiti* e a pichação. Aliás, parabéns pela defesa, muito boa. Para quem não conhece o Alan (que fez a pergunta acima), ele é um cara que fez parte dessa cena que a gente está discutindo aqui. Eu acho muito legal

que hoje ele seja mestre, que tenha feito uma dissertação a respeito da cultura de rua. Eu estava relendo um livro para preparar a minha apresentação e o início do livro fala o seguinte: que as pessoas fazem *graffiti* porque é divertido e também porque através dele, e aí eu incluo a pichação, podem ser alguém em uma sociedade que está constantemente falando para eles que eles não são ninguém. O meu doutorado foi no campo das belas artes, e eu abordei questões mais estéticas. Sempre eu era problematizada sobre a questão da transferência para a galeria. Eu presenciei essa transformação. A gente tem amigos grafiteiros, caras da geração do Binho, que quando começaram a vender tela, tinha aquela do cara começar a fazer sucesso e alguém dizer: “é traidor do movimento”. Eu vejo com bons olhos, se o cara é um artista foda e ele está sendo reconhecido financeiramente pelo trabalho dele, é ótimo. E hoje eu vejo isso acontecendo também com a pichação e acho ótimo. Acho que não perdeu a essência, que nenhum dos pichadores que hoje faz trabalhos de natureza artística confunde o meio de campo e acha que está fazendo pichação. A essência da pichação sempre vai ser a contravenção, sempre vai ser a rua, mas eu vejo com muitos bons olhos isso.

O Binho foi um dos primeiros grafiteiros que eu conheci quando comecei a pesquisar. Não tinha essa diferenciação, polícia levava tudo - era o mesmo tratamento um e outro. Então eu acho muito bacana que hoje a sua imagem seja reconhecida. Então eu acho interessante, por causa disso eu falei anteriormente de dar voz às pessoas e não de uma forma assim “olha vou te fazer o favor” ou “espaço reservado para pichadores”. Ninguém vai pedir sua autorização, ninguém deveria pedir autorização para existir. Eu tenho um amigo que é pichador que ele sempre falava “desculpa por eu ter nascido”, “desculpa por eu existir”. Então eu acho que esse reconhecimento muito bacana.

BINHO BARRETO:

Acho que faltou esse pedaço na informação anterior, uma explicação. Eu acho importantes demais a sopa de letras e o grapixo. E a sopa de letras integra o grapixo dentro dela. Muita gente fica inibida de fazer *graffiti* por não saber desenhar bem, e com o escrito da letra a pessoa consegue trabalhar cor, trabalhar várias coisas que ela quer como imagem. O escrito no *graffiti* é mais generoso, a pessoa consegue fazer sem tanto bloqueio. E um outro ponto que eu acho muito importante: o fato de o *graffiti* ser reconhecido como antes. Não dá para pensar como se estivéssemos nos anos 1970. Esse lugar que o *graffiti* tem atualmente, de ativismo social, é importante. Eu acredito muito nesse tipo de trabalho - como o que o Chota narrou, como a experiência do Galba Velloso (na fala do Helder), como nos encontros que a gente faz em escolas públicas e, principalmente, em uma interlocução entre o *graffiti* e o conhecimento. A escola pública brasileira apanha mais que tudo, então que o *graffiti* ajude também a aproximar o interesse pela literatura, pelo desenvolvimento de habilidades - que é o quinto elemento que o Negro F. tanto falou.

ROGER DEE:

Eu só queria completar uma coisa que o Binho falou e eu queria também que ele falasse mais sobre isso. Ele fala do Grapixo, do picho fundido com o *graffiti*. Eu tenho um livro de *graffiti*, que é dos primeiros *graffitis* no trem. E, coincidentemente, estava passando uma vez na Avenida dos Andradas, foi uma das primeiras vezes que vi um grapixo. E aquela forma de picho com essa estética de *graffiti* era exatamente igual ao que estava nos trens de metrô de Nova York em 1972/73 do livro - eram os caras transformando das letras em uma evolução esté-

tica daquilo. A gente já tem esse formato do *graffiti* que a gente pegou dos Estados Unidos pronto. Você considera que o *graffiti* brasileiro nasce a partir então do *grapixo*? É uma coisa mais original que nós temos?

BINHO BARRETO:

Temos vários momentos. A gente tem aquele momento no *graffiti* muito ligado à tradição do HIP HOP, que foi praticamente dominante até os anos 1990, mais ou menos. O primeiro momento no *graffiti* brasileiro, uma busca pelo traço brasileiro, foi um momento que eu considero meio mágico. Foi em meados dos anos 1990, com Os Gêmeos, o Vitché, o Herbert – quando saiu a revista Fiz, mais ou menos. Ali a galera começou a buscar um uma estética bem brasileira no *graffiti*, pelo menos eu localizo ali. Eu vejo no *Grápixo* um momento que pode ser uma nova virada no *graffiti*. Eu vejo nesse movimento uma coisa meio antropofágica, de pegar o que está no exterior e devolver com a linguagem brasileira. Por isso, eu acho tão importante o *Grápixo*, eu penso que o *Grápixo* pode retomar o momento do *graffiti* escrito - que é super importante e que nunca acabou, mas não está tão em evidência mais - só que vem com uma estética que é muito brasileira, que vem do *pixo* reto paulistano. É um pouco diferente, ao meu ver, dessas letras dos anos 1970, em Nova York. Tem até um texto que eu comecei a escrever, que eu não consegui acabar porque é meio difícil de fazer. Nele eu comparo o *picho* reto com as linhas indígenas e com os grafismos africanos. Porque se você olhar, o *picho* reto tem muita vertical e muita forma diagonal: as grafias indígenas tem muita diagonal e vertical, os grafismos africanos também - como vemos nos cestos e cerâmicas, por exemplo. Tem alguma coisa aí que transcende, que pode ter a ver com uma ancestralidade. Onde estão boa parte dos descendentes dos negros

e índios nas cidades hoje? Então eu vejo muito mais como uma virada, do que como uma coisa exatamente nova. Aquela cena dos anos 1990, que citei, foi um momento de virada. Acho que a gente pode estar vivendo um outro momento agora com o *grápixo*. O negócio é se ele vai ser estimulado ou abafado.

PERGUNTA DO PÚBLICO:

Eu até fiz uma pergunta na mesa anterior, eu queria aproveitar a fala para poder agradecer. Esse momento é muito especial, ter uma discussão como essa. Sinto falta desses acontecimentos com regularidade e acho que eles têm que acontecer mais. Tinha que estar muito mais cheio aqui, porque é uma questão que tange tantas pessoas, em tantos universos. É muito potente o que está acontecendo.

Meu nome é Bernardo, eu tenho uma galeria de arte aqui em BH que se chama Quarto Amado e esse ano a gente fundou o Instituto Amado, para poder fazer iniciativas em comunidades, projeto de educação. Na verdade, o Instituto surgiu de um convite que a gente recebeu em 2014. Foi o chamado de um vilarejo chamado Itatiaia, uma vila próxima de Ouro Preto, moram cerca de 200 a 300 pessoas. E eles chamaram a gente porque já tinham tentado se relacionar com o poder público várias vezes para conseguir saneamento básico, telefonia e outras demandas. Enfim, eles identificaram que se fizessem um projeto artístico, poderiam atrair a atenção para aquele lugar através de um possível turismo. E acho que essa experiência nos possibilitou um contato com a arte e com a educação muito mais potente do que a gente vinha fazendo com uma certa agenda comercial da galeria. Depois a gente reviu esse projeto para dimensionar o impacto e a relevância disso, se fazia sentido ou não.

Esse ano, 2017, a gente fundou o Instituto pra poder facilitar o processo de captação de recursos e ter uma longevidade. E aí, a gente acabou abrindo um chamado nacional para logradouros de até 2 mil habitantes. Vilarejos que gostariam de receber um grupo de artistas plásticos para desenvolverem projetos com a comunidade. Confesso que a gente abriu esse chamado um tanto receoso, isso é sempre uma preocupação muito forte. Enfim, com esse chamado aberto, foram mais de trinta cartas recebidas dos vilarejos, alguns bens calorosos. A gente acabou optando por Sarandira, que é um distrito de Juiz de Fora (MG). Fomos cuidadosos para ver se fazia sentido o projeto, e foi muito tocante a esse momento que a gente teve agora. Acabamos de voltar, tem duas semanas. Passamos 12 dias no vilarejo. A ideia era a gente ficar três dias lá completamente à mercê do espaço, conhecendo, relacionando, para depois identificar se seria pintura, se seria oficina ou o que seria feito.

Quando eu vi que o Chota estava vindo, eu acompanhei essa mesa e vi o projeto dele - a questão da Comuna 13. Interessou-me muito. Quando a gente pensa no que o *graffiti* pode ser, essa fala do Binho é muito legal também, eu fico sempre me martelando sobre quais tipos dessas potências e também dos rastros que deixam. Foi incrível a experiência que a gente teve em Itatiaia (MG) e, agora, com Sarandira (MG). Eu acho que essa inclusão tem mão e contramão, porque a gente saiu de lá, talvez, muito mais afetado do que eles. Acabamos aprendendo muito mais em relação à comunidade, em relação à troca, em relação a fortalecer o local. Eu queria identificar, sobre a Comuna 13, uma coisa que sempre me instiga muito, é o pós. Porque o *graffiti* tem uma característica de deixar um ruído. Uma comparação que eu comecei a criar agora nesse vilarejo foi que a gente chega lá quase como um circo.

A gente chega e monta um grande espetáculo, chegam três ou quatro carros cheios de artistas, pessoas coloridas, são fantasiosos e isso muda aquela paisagem. A gente trouxe uma efervescência cultural para o vilarejo durante 12 dias, então, de fato, monta-se um grande espetáculo. E depois, vamos embora. A grande diferença do circo é que ele vai embora e leva tudo, o *graffiti* fica. Eu queria entender também sobre o que acontece hoje na Comuna 13, de como fica isso lá. É claro que, nesse caso, tem um fator que muda muito: que é você estar lá, de ser um habitante muito importante.

Mas eu queria entender esse preparo da comunidade em dialogar em relação a essas obras - se todos gostam desse projeto acontecer lá. A pergunta é se no Comuna 13 existe esse pós das pinturas. Enfim, como é depois que os artistas vão embora? E também se ele tem o interesse em fazer em outras comunidades, para poder ativar essa potência transformadora da arte.

CHOTA:

Sobre as reações locais das pessoas que vivem lá, elas gostam e participam. Principalmente os jovens, e inclusive eu, não tínhamos muito o que fazer - ficávamos ociosos. O projeto dos *graffitis* foi uma oportunidade de fazer algo produtivo. Então, veio o projeto da prefeitura de colocar a escada rolante na comunidade e, uma vez que isso foi feito, desencadeou o projeto Grafitour. A arte está sendo vista dessa maneira localmente: como algo que geralmente têm um componente estético, mas está fazendo bem socialmente para a maioria das pessoas. Está tendo impacto direto, impacto material nas vidas. Sobre a questão da expansão do projeto para outras regiões, eu acredito que isso dependa de um plano de infraestrutura mais elaborado, para que se possa

levar para várias regiões na Colômbia de forma organizada.

BINHO BARRETO:

O pessoal está um pouco preocupado com o horário. Mais duas perguntas, pode ser? Então vamos fazer o seguinte: três perguntas e a gente responde as três juntas e encerra.

PERGUNTA DO PÚBLICO:

Porque vocês acham que os *graffitis* e as pichações são criminalizados?

DEBORAH LOPES:

Sobre o ponto de vista da lei, a pichação foi mais criminalizada. Por exemplo, com o fato de que revendedores de spray teriam que colocar um adesivo escrito “pichação é crime” na latinha de spray. A pichação foi mais criminalizada ainda, existe uma lei de crimes ambientais que rege sobre isso. Nos termos da lei, sem autorização, é ilegal. A pena é o pagamento de multa e prestação de serviços comunitários. Pode dar detenção de até seis meses, eu acho. A questão é que se considera crime pela lei. Crime ambiental. A Samarco pode matar o Rio Doce, mas o pichador vai para cadeia por crime ambiental. Uma estratégia muito utilizada aqui em Belo Horizonte, que eu acho extremamente perversa, é de enquadrar não pela lei de crimes ambientais, que não dá mais que seis meses de cadeia, mas por formação de quadrilha. Aí vai para a cadeia. Eu escuto o depoimento do pessoal e é incrível. Traficante vai para a rua, ladrão vai para a rua e o cara continua preso por causa da pichação. Eu mesma, só porque acompanhei um evento de pichação, fui acusada de apologia ao crime.

BINHO BARRETO:

De maneira bem prática, do ponto de vista da lei, qualquer utilização desse tipo em um espaço público sem a autorização é crime. Então seja pichação, seja *graffiti*, seja colar um cartaz ou colocar uma propaganda, em qualquer desses casos é crime. Só que alguns casos eles têm a mão mais pesada e outro têm a mão mais leve, mas teoricamente todos são crime.

PERGUNTA DO PÚBLICO:

Oi pessoal, boa tarde! Meu nome é Marcele e sou assistente social. A partir de todas as falas que foram feitas hoje, eu fiquei refletindo da relação do picho e do *graffiti* com a minha profissão. Eu consigo compreender que são formas de trazer à tona o que é marginalizado, o que a sociedade não quer saber, aquilo que a gente não quer ver, não quer se responsabilizar. O picho é uma forma de trazer incômodos que essas pessoas conseguem verbalizar, mas a gente vê algumas mensagens que não são fáceis de se compreender. Eu queria perguntar: por que não pode ser um pouco mais acessível a leitura do que aquela pessoa quer passar para gente, já que eu acho que aquilo traz uma inquietação? Eu entendo que talvez seja a forma de expressão individual mas, pensando que aquela pessoa está escrevendo, por que é tão difícil parar ler?

DEBORAH LOPES:

É muito interessante essa pergunta. Eu acho que essa é uma das características mais instigantes da pichação, porque ela é feita por pessoas que são excluídas da sociedade e ela é uma linguagem que exclui essa mesma sociedade. O pichador picha para outros pichadores compreenderem. Agora, se tem outras pichações, pichações políticas,

todo mundo vai compreender. Acho muito interessante que seja excludente sabe, “Ah! Vocês não vão me dar espaço? Então aqui nós vamos falar e vocês não vão entender nada. Vai estar na sua cara e você não vai entender.”. Você, que eu digo, é esse sistema que exclui. Então eu acho que é propositalmente um código fechado por causa disso, por ser feito por pessoas que são deixadas de fora de vários outros códigos.

BINHO BARRETO:

Quero completar o que a Deborah falou. De uns tempos para cá, eu tenho tido bastante interesse pela escrita, tenho escrito bastante e lido muito. Tem uma coisa que é interessante a gente pensar, que é sobre como que se dá a comunicação na sociedade. Os médicos escrevem com uma letra que só os médicos conseguem ler, as leis são escritas de uma determinada forma que só o meio jurídico manuseia, a academia escreve de uma forma que só quem está iniciado na academia consegue ler. Por que esse grupo que age nas ruas não pode criar um código para ele? De certa forma, é uma repetição do que acontece em todos os segmentos da sociedade. Por um outro lado, eu falo que existem diversos tipos de pichação: tem a pichação com demandas políticas (que escreve uma coisa mais clara), tem a pichação como poema e o pichador que escreve o nome próprio, o apelido. Eu acho interessante pensar que, no final das contas, o que esse último tipo quer é que você leia o nome dele. Só que nessa vontade é igual a você montar um cubo mágico ou um quebra-cabeça. Tem um que eles jogam, e o fato de deles jogarem não quer dizer que estejam convidando as pessoas a participar. Mas existe uma recusa muito grande, as pessoas não querem entrar nesse jogo. Porém, é um jogo que é colocado - assim como um quebra-cabeças, assim como um cubo mágico, de conseguir ler o nome.

E uma vez que você lê, vai querer ler em todos os lugares que você vir. Se você conseguiu quebrar esse código e ler, você vai ficar contando quantos você vê pela cidade. Então é um jogo que está sendo proposto. Lembrando que, em última instância, o cara quer é que você leia o nome dele. E aí vem a pergunta: Por que é tão importante para ele que você leia o nome dele?

DEBORAH LOPES:

Só um adendo, em relação ao *graffiti* de gangue, por exemplo, a idéia é que seja fechado o código. Eu estou lidando muito com isso, porque, minha pesquisa de pós-doutorado é sobre tatuagens criminais. O que você mais vê é gente perguntando: “o que significa?”. Não é para saber. É igual gíria, bandido cria para ninguém entender o que ele está falando. A partir do momento que todo mundo ficar sabendo, ele vai inventar uma outra gíria. Em relação ao *graffiti* de gangue, que é pichação, e estou falando do *graffiti* porque é o termo utilizado em Los Angeles, é proposital só para comunicação interna mesmo.

BINHO BARRETO:

É hora de encerrar, a gente vai ter uma apresentação musical agora. Eu queria agradecer a presença de todo mundo, agradecer o convite, o contato com a Fernanda e com o pessoal da PUC Minas. Isso é muito importante para mim, seja aqui na PUC ou em outros espaços. O momento é muito importante para gente conversar e debater idéias. Eu fiquei querendo ter mais gente aqui ouvindo, eu acho que cabia mais gente. Eu queria pedir para vocês, para quem veio e gostou, para difundir. Vamos quebrar a cabeça para ir fazendo cada vez mais - porque é importante.

DEBORAH LOPES:

Só queria fazer um merchandising básico, que a gente tem tão pouco tempo para falar. Eu deixei aqui, salvo no computador da PUC, a minha dissertação e a minha tese. Então, se alguém tiver com pendrive aí e quiser se aprofundar mais, está disponível.

CHOTA:

É um prazer e uma alegria muito grande, queria agradecer a todos que me trouxeram até aqui. É muito bom estar fora do meu país falando sobre *graffiti*. Para mim, Belo Horizonte é uma irmã gêmea de Medellín, é como se eu estivesse em casa.







Pró-reitoria de Extensão



100
anos
1921 • 2021

ARQUIDIOCESE
DE BELO HORIZONTE

